

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
UFRGS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

É O FIM DA VÁRZEA?

ENSAIO ETNOGRÁFICO SOBRE FORMAS DE SOCIABILIDADE, NARRATIVA E
CONFLITO EM UM TIME DE FUTEBOL DE VÁRZEA NA CIDADE DE PORTO
ALEGRE.

RAFAEL MARTINS LOPO

Porto Alegre

2008

RAFAEL MARTINS LOPO

É O FIM DA VÁRZEA?

ENSAIO ETNOGRÁFICO SOBRE FORMAS DE SOCIABILIDADE, NARRATIVA E
CONFLITO EM UM TIME DE FUTEBOL DE VÁRZEA NA CIDADE DE PORTO
ALEGRE.

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof. Dr. Rafael Vitorino Devos

Porto Alegre
2008

RAFAEL MARTINS LOPO

É O FIM DA VÁRZEA?

ENSAIO ETNOGRÁFICO SOBRE FORMAS DE SOCIABILIDADE, NARRATIVA E
CONFLITO EM UM TIME DE FUTEBOL DE VÁRZEA NA CIDADE DE PORTO
ALEGRE.

Esta monografia foi julgada e aprovada para a obtenção do grau de Bacharel no curso de Ciências Sociais, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, julho de 2008

BANCA EXAMINADORA:

Professor Doutor Rafael Vitorino Devos (UFRGS)

Orientador

Professor Doutor Arlei Sander Damo (UFRGS)

Doutora Viviane Vedana (UFRGS)



AGRADECIMENTOS

Aos meus sempre dispostos amigos e informantes, que me motivaram a acordar cedo sábado ou domingo, para enfrentar frio, calor, chuva, vento, sol ou tempestades nos muros e nas grades dos areões de Porto Alegre.

Ao seu João Carlos, pelo dom da palavra, fundamental em cada linha e parágrafo desenhado e narrado neste trabalho, e ao Julinho, por me mostrar que na várzea quem tem amigos, tem quase tudo.

A todo o time do Martins de Lima, os que ficam dentro e os que ficam fora do campo, sempre torcendo pela vitória do time mais pesquisado no Murialdo. Aos que conheci pelo Guarany e que me distanciei depois. A todos que sempre tiveram paciência comigo, que falaram e também escutaram, dividiram alguns goles de cerveja e pedaços de um bom churrasco.

Aos companheiros, amigos, colegas, parceiros e mestres do Biev (Banco de Imagens e Efeitos Visuais). À Ana Luiza por tanto acreditar e me incentivar durante os três últimos anos como pesquisador de Iniciação Científica. Não só pelo conhecimento acadêmico passado nas orientações, leituras e reuniões. Mas pela força fundamental e sabedoria monumental para encarar momentos tão decisivos e dramáticos nesta minha pequena trajetória de aprendiz-de-antropólogo.

À “Chica”, pelas excelentes disciplinas ministradas durante toda minha graduação, pela vontade reforçada em mim de fazer Antropologia, pelos puxões de orelha e orientação sempre presente a todo o momento.

Ao Rafa, pela co-orientação, motivação, exemplo de dedicação e de responsabilidade que foram norteadoras deste trabalho. À Ane, pelas conversas e pela amizade nos momentos bons ou ruins. A todos do BIEV que sempre compartilharam experiências, conhecimento, e acima de tudo, dúvidas e questionamentos sobre a Antropologia, incentivando a busca de respostas. Vi, Priscila, entre tantos que agora chegam e outros que por ali passaram.

À minha família, sempre leal, com suas rupturas, momentos de crise e conflito, mas nunca omissa. Ao meu pai, sempre desafiador e instigador,

confidente e amigo, sincero e companheiro, e que despertou em mim o gosto pelo futebol, pela ciência e pelo olhar crítico. À minha mãe, sempre resolvendo os problemas mais difíceis e me incentivando dentro das suas possibilidades. À minha vó, Dona Mirthô, que durante todo o tempo do curso foi minha amiga, meu “colinho” e até minha instituição de fomento à pesquisa por diversos momentos. A todos os outros que por falta de espaço não puderam ser citados, meus sinceros agradecimentos.

Aos amigos de curso, de disciplina, à Bruna, por ter ficado tanto tempo agüentando meu “papo de cientista social” e até hoje ser uma grande amiga. A todos que fazem parte, de uma maneira ou de outra, deste novo desafio que está sendo superado.

Por fim, à FAPERGS e ao CNPQ, que durante os cinco últimos semestres me disponibilizaram bolsas de Iniciação Científica para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho, em forma de ensaio, é resultado de uma pesquisa etnográfica realizada em diferentes clubes de futebol amador da cidade de Porto Alegre. A partir de um exemplo de ruptura, cisão e surgimento de um novo time, foi analisado um contexto etnográfico específico do time Martins de Lima e abordados alguns aspectos importantes para se entender a dinâmica do futebol de várzea e as formas de sociabilidades relativas a esta prática. Trazendo o espaço público como fundamental para estas formas de sociabilidades, é levantada a noção de conflito para compreender a forma cíclica em que estas vivências cotidianas se estabelecem. Através do caso do surgimento do Martins de Lima, esta monografia lança bases para pensar o uso de elementos audiovisuais para falar de uma memória de um grupo através das narrativas de alguns informantes mais centrais.

ABSTRACT

This text, proposed as an essay form, is the result of an ethnographic research done at different soccer amateurs teams in the city of Porto Alegre. Concentrated in a case of rupture, dissension and emergence of a new team, it's analysed an ethnographic context, abording some important aspects to understand how this practice – the soccer - can talk about some dynamism and different sociability forms. Bringing the public space as essential to these practices and these sociability forms, is raised the conflict concept, to understand and to interpret the cyclical movement at this day life experience establishment themselves. Through de Martins de Lima emergence, this work introduces some ideas to think the use of audiovisuals to talk about a group social memory belonging to the narratives of some mostly central informants from research.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| O QUE É ISSO QUE TODO MUNDO CHAMA DE VÁRZEA?..... | 10 |
| 1 DOMINGO É DIA DE FUTEBOL, MAS DESTA VEZ NÃO NA TV | 19 |
| 1.1 O primeiro contato, as primeiras impressões..... | 21 |
| 1.2 A família e a comunidade Flamengo, uma partida curta, em outro campo | 24 |
| 1.3 Segundo tempo, e o time muda de nome, e de uniforme..... | 27 |
| 2 O TIME QUE VESTE AZUL, E O BAIRRO QUE SE VESTE DE VERDE | 33 |
| 2.1 Dois jogadores importantes para o “meu time” | 33 |
| 2.2 Os almoços de sábado: o rachão!!! | 37 |
| 2.3 A sede do Martins de Lima | 40 |
| 2.4 A grande final, enfim, “somos amigos, e somos vencedores” | 43 |
| 3 “O VARZEANO É AQUELE CARA QUE...” | 47 |
| 4 PARA ONDE VAI O FIM DA VÁRZEA?..... | 56 |
| 4.1 Brigas dentro de campo..... | 57 |
| 4.2 Diminuição dos campos, e fim dos times..... | 59 |
| 4.3 Os conflitos fora de campo, exacerbando as diferenças pessoais..... | 61 |
| CONCLUSÃO: Para onde vai esta pesquisa com a várzea?..... | 66 |
| REFERÊNCIAS..... | 68 |

INTRODUÇÃO

O QUE É ISSO QUE TODO MUNDO CHAMA DE VÁRZEA?

Várzea:
s. f., campina cultivada em vale
*extenso; planície; chão.*¹

O presente trabalho busca, através de um estudo etnográfico junto aos praticantes e pessoas ligadas ao futebol de várzea em Porto Alegre, olhar uma pequena parte da cidade através desta atividade. Sob o prisma da Antropologia Urbana, é necessário observar a maneira como estes indivíduos estão agenciando seus códigos cotidianamente através de suas narrativas e suas ações, seus itinerários e suas interações. Lançando questões sobre as narrativas e a relação destes indivíduos com o meio social e suas formas de sociabilidade, é preciso entender, como se dão as relações destes indivíduos com a cidade, seus grupos e atividades.

Qualquer prática situada na cidade tem que ser refletida dentro de uma problemática maior, que é norteada por um viver e um saber típico de sociedades urbano-contemporâneas. Na cidade, as individualidades são chamadas constantemente a serem reforçadas, dentro de um *ethos* e um código de emoções particulares de grupos e comunidades de sentidos². Na várzea, assim como em outros grupos da cidade, há um elemento quase que “fundante” destas associações e lugares: as formas de sociabilidade. Seguindo as idéias de George Simmel (1983), a sociabilidade aqui é vista como uma forma de lidar com o conflito, com a indiferença e as tensões da sociedade moderna. No caso destes jogadores, participantes e simpatizantes do futebol de várzea, o conflito se expressa em diferentes formas. Pelas maneiras de agenciar o tempo, através das

¹ Dicionário da língua portuguesa: <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>

² VELHO(2004)

narrativas, como já salienta Paul Ricoeur (1994), o conflito físico, pela honra e virilidade, o conflito subjetivo, ligado a um campo de significados e um *ethos* do grupo, entre outros.

Nesse sentido, delimitar o universo de um tema tão amplo como “o futebol de várzea” é uma tarefa complicada, pois não estamos falando de uma instituição, e sim de uma prática, de uma maneira de se viver a cidade. De qualquer forma, todos os campos e praças situam a pesquisa dentro da cidade de Porto Alegre. Portanto, falar do universo da várzea é falar da própria cidade de Porto Alegre, é falar de uma cidade marcada pelas praças, pelos parques, lugares de lazer e formas de sociabilidade.

Este ensaio é resultado de uma etnografia que durou cerca de dois anos, com alguns intervalos de tempo, mas sempre preocupada em acompanhar o “ritmo” do futebol de várzea e suas peculiaridades, com saídas de campo regulares, normalmente aos finais de semana. Os três times aqui citados contam, juntamente com o ritmo cíclico da etnografia e minha interação com estes homens, algo sobre a várzea, que fala não só de uma maneira de jogar futebol, mas acima de tudo, fala de uma forma cotidiana de lidar com conflitos e com o possível fim de uma prática comum a alguns habitantes da cidade.

As três equipes são o Guarany, o Flamenguinho e o Martins de Lima, que surgiu após a cisão entre integrantes do Guarany. Todos têm alguma ligação com o bairro Partenon³, de Porto Alegre, e jogam em diferentes lugares. O Guarany joga na Praça Darcy Azambuja, e na época em que me aproximei da equipe, a sede ficava na Rua Martins de Lima, onde agora é a sede do Martins de Lima, que joga o campeonato do bairro São José, no campo do Colégio São José do Murialdo. O Flamenguinho, conhecido time do campo da Tuca, também no Partenon, disputava o campeonato do Parque Ramiro Souto, na Redenção.

³ Muitos chamam o Partenon de bairro, mas diversas referências da prefeitura e de cronistas da cidade tomam o lugar por uma região, devido à sua abrangência geográfica e econômica nas últimas décadas. Dentro do próprio Partenon existem bairros, como o São José, onde joga o Martins de Lima. Os próprios moradores constituem esta diferença, que pode ser analisada mais adiante com a idéia de bairro e conveniência proposta por Pierre Mayol (1996).

O desejo de se estudar este “mundo⁴” da várzea surgiu em uma de minhas incursões etnográficas na Praça da Alfândega, quando já realizava uma pesquisa etnográfica ligada ao BIEV (Banco de Imagens e Efeitos Visuais) sobre o agenciamento da memória coletiva entre engraxates da praça referida. Em uma entrevista realizada em uma de minhas saídas de campo, seu Estevão, um dos engraxates mais antigos da praça, ao falar como conheceu sua esposa, conta que era comum o deslocamento de jogadores entre times profissionais e de várzea. Comecei, a partir daí, a perceber toda uma extensão da várzea e a prática do futebol amador na cidade que para mim eram desconhecidos, um grupo em que a várzea agia e fazia parte de todo um cotidiano e de uma experiência na cidade. O que me importava durante esta pesquisa, e que continua me evocando dúvidas, não é o patrimônio arquitetônico da praça ou dos campos de várzea, mas como estas praças e campos, dos encontros, das trocas, e de um *ethos* masculino e jocoso, podem me falar de uma relação simbólica entre estes lugares e uma maneira destes indivíduos viverem cotidianamente esta cidade.

Eu, apenas um expectador e torcedor de futebol profissional, que como grande parte dos jovens do país havia tentado ser um jogador profissional, comecei a re-descobrir um mundo novo – este do futebol de várzea - pelo olhar de aprendiz-de-antropólogo.

Começando a pesquisa voltada para a várzea, fui ao campo da Intercap (Praça Darcy Azambuja), no bairro Partenon, para conhecer o time do Guarany, onde jogava “um tio de um amigo⁵”. Era o primeiro passo, de um caminho suntuoso que em diversos momentos pareceu ter um fim eminente, e acabou trazendo outras trilhas e campos a serem percorridos.

Como será exposto a seguir, o Guarany e o Flamenguinho jogam os torneios das “Praças⁶”. No ano de 2007, o campeonato municipal de futebol amador era disputado por 116 equipes na categoria veterano, acima de 35 anos, e

⁴ Expressão usada por Seu João Carlos, 72 anos, 40 deles vivenciados na várzea, em uma entrevista realizada na sede do seu clube, o Martins de Lima. Seu João pode ser colocado aqui como meu informante chave, que me inseriu na rede do time em questão. O deslocamento entre esses times e minha relação com o Martins de Lima será apresentada nas páginas correntes.

⁵ Estas formas de agregação, parentesco e vizinhança são típicas da várzea.

⁶ Segundo referência dos jogadores e da própria prefeitura.

248 na categoria livre, em mais de 15 praças situadas em diferentes lugares da cidade.

Segundo o regulamento da competição⁷, cada praça, após realizar um campeonato entre os times inscritos, seleciona os dois ou três primeiros colocados – dependendo do número de times inscritos – para jogar o campeonato municipal, em um circuito de 3 ou 4 campos de futebol na cidade. No campeonato municipal, cada time só pode se inscrever em uma praça, em três diferentes categorias: Mirim, Livre e acima de 35.

A grande diferença do campeonato realizado no pátio do Colégio São José do Murialdo, é que ele não é ligado a nenhum controle ou órgão da prefeitura. O organizador principal é um senhor chamado Bira, que não cheguei a conhecer muito de perto. Há, no Murialdo, duas categorias, ou “quadros”, como chamam a maioria dos jogadores e integrantes dos times: acima de 35 anos e acima de 44. O Guarany e o Martins de Lima têm times disputando o campeonato em ambas as categorias.

Nos três times sempre me coloquei e fui situado por eles como expectador. Apesar de sentar no banco de reservas em alguns momentos, nunca fui convidado para jogar ou participar de amistosos.

Todas as conversações, observações participantes, descrições etnográficas e saídas de campo foram devidamente esmiuçadas através de diários de campo. Durante duas saídas de campo, uma com o Guarany e outra já no Martins de Lima, utilizei a câmera de vídeo e realizei uma entrevista não-diretiva com seu João Carlos, atual vice-presidente do Martins de Lima, ativo “dirigente” e “torcedor” da várzea do bairro São José. Tive também a oportunidade, em mais de um momento, de realizar saídas de campo com a máquina fotográfica. As implicações e a necessidade do uso de equipamentos audiovisuais serão colocadas mais adiante, enquanto o leitor adentra na experiência etnográfica que tive nesta pequena parte do imenso mundo do futebol de várzea em Porto Alegre.

Ainda mais importante, é interessante atentar para a particularidade de se estudar grupos ou indivíduos na cidade. Junto à tarefa de olhar, ouvir e escrever

⁷ http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/sme/usu_doc/regulamento_do_municipal_2008.pdf

do antropólogo, proposta por Roberto Cardoso de Oliveira (2000), há a necessidade de o antropólogo refletir sobre a sua posição dentro da cidade e da experiência urbana. Segundo Eckert e Rocha (2005), ao olhar a cidade a fundo o antropólogo vê-se obrigado a olhar com mais atenção para os seus próprios sistemas de significações, preocupado sempre com o conteúdo simbólico destas representações, exigindo do antropólogo uma atenção maior.

Seguindo as duas autoras, a perspectiva temporal é colocada como pano de fundo para se entender a experiência de viver nesta cidade. As camadas temporais vividas pela cidade expressam-se nos seus habitantes, conformando a memória coletiva de grupos e indivíduos.

Apesar de ter realizado, em momentos distintos, saídas de campo com três times, em três locais diferentes, há algumas características que são comuns a todos os campos e times da várzea que podem ser ressaltadas. A maioria dos espaços destinados à prática do futebol de várzea está situada nas zonas periféricas da cidade, e normalmente são chamados pelo nome do bairro ou da comunidade em que estão localizados⁸. Há em quase todos os parques e praças algum tipo de espaço destinado à prática de outras atividades de lazer, e a prefeitura oferece, durante a semana, atividades recreativas de diferentes modalidades, gratuitas para diversas faixas etárias. Durante os dias de jogo, normalmente nos finais de semana, o centro da praça acaba se tornando o campo, mesmo que o objetivo não seja só observar o jogo, mas também conversar e fazer piadas com os que estão ao redor⁹.

Os freqüentadores são na maioria de baixa renda, e perto dos campos há sempre pequenas atividades de comércio, variadas ou não, normalmente envolvendo a vendas de bebidas alcoólicas.

A maioria dos clubes possui uma sede, e se reúnem nestes locais após os jogos. A sede normalmente é o que define o pertencimento do clube a algum bairro. É para lá que os jogadores vão após os jogos, ou até freqüentam durante a

⁸ Há de se ressaltar aqui que há outros campos que não estão situados em zonas periféricas, como o campo do Marinha, da Redenção, no Bom Fim e o do Ararigbóia, nos arredores do Jardim Botânico.

⁹ Este é um dos pontos que torna o campo do Murialdo um local intrigante. Ele se difere de outros campos, ligados à prefeitura, por não possuir estes outros espaços de lazer, e não possuir grades separando quem está dentro e quem está fora do campo.

semana, para assistir jogos de futebol na televisão ou apenas conversar. Alguns clubes jogam em praças de diferentes lugares, longe de sua sede, mas são reconhecidos pelo bairro onde está a sua sede.

O espaço, de brincadeiras intensas, é freqüentado também por mulheres e crianças, normalmente esposas, filhas e namoradas dos jogadores. Na condição de torcedoras, elas são reconhecidas como aquelas que incentivam o time e acompanham a “carreira” do marido/pai, sempre ajudando no que for possível. Diferentes indivíduos de diferentes idades se juntam ao redor das grades e das “arquibancadas”, por diferentes motivos, e isto expressa um pouco da sociabilidade dos campos de várzea, rodeada de jocosidade e pertencimento a um grupo ou uma comunidade.

Foi a partir desta rede de pertencimento a uma comunidade que conheci Tileco, no campo da Intercap, onde jogava o Guarany. Tileco se apresentou como cunhado de Paulão, “presidente” do Flamenguinho, time que possui uma identificação fortíssima com o campo da Tuca, também no bairro Partenon.

Assim, fui levado, pela rede intensa e extensa – que para este aprendiz-de-antropólogo, parecia ser infinita – até o campo do Ramiro Souto, no Parque da Redenção, pois era lá que o Flamenguinho disputava suas partidas. No Flamenguinho, comecei a conhecer toda a trama que existe nas redes de parentesco e de vizinhança de um time de várzea, mas comecei a me dar conta que esta certa estabilidade e de certa forma “tradição” no futebol de várzea não parece ser o mais recorrente e comum nestes times¹⁰.

Depois de um tempo sem poder realizar a pesquisa de campo, voltei à Praça Darcy Azambuja, onde joga o Guarany, e fui informado que o clube havia se dividido, e que a maioria de meus informantes mais próximos tinham ido fundar um novo time, o Martins de Lima. Além desta proximidade, o que me chamou mais atenção foi exatamente o fato do novo clube ficar com a sede, e os jogadores mais antigos e respeitados terem ido fundar o novo-velho time. Foi chegando ao Martins de Lima que pude entrevistar seu João Carlos e ouvir, dentre muitas

¹⁰ Esta “hipótese” não tinha muitos argumentos teóricos ou epistemológicos, mas partia de uma pré-noção do que eu poderia, talvez, encontrar na várzea.

coisas pronunciadas por ele, o que significa o “fim da várzea” e o que é ser um “varzeano”:

“O varzeano é aquele pessoal que ta, é o campo de futebol onde tu joga bola porque tu que. Não tem remuneração nenhuma NE? Ninguém te paga, então se chama várzea. Que às vezes a gente diz aqui, quando o cara erra, e diz assim: “Poh, isso é o fim da várzea”. (risos) O fim da várzea não tem, não pode ter coisa pior que o fim da várzea. (risos mútuos). findo a várzea daí termina tudo. Termina tudo, claro. Os caras brigam aí: “Mas isso aí é o fim da várzea”, mas não pode brigar, seria o fim da várzea mesmo, termina a várzea termina tudo.

Então futebol de várzea vai sempre existir. Esses campos assim como o Murialdo, e outros campos por aí que tem. Tem o campo da Glória ali que também é o mesmo areão do Murialdo. Mas os caras gostam de jogar lá”. (transcrição de entrevista em vídeo, dia 02/06/2007, realizada na sede do clube, em dia de jogo decisivo contra o Guarany)

Assim, o que instigou a continuar neste campo instável e que parecia nunca ter uma regularidade, foi ver que nesta expressão está colocado talvez um dos grandes dilemas do futebol amador em diversas cidades brasileiras, que é o “desaparecimento” de uma prática que já foi constituinte de toda uma idéia do que é o futebol do país¹¹. No entanto, o que parece estar em jogo é exatamente a idéia de que o que constitui esta forma de jogar futebol são as sociabilidades e o encontro público, dado na rua, no entorno dos campos, bares e sedes dos clubes. A grande dificuldade de realizar uma etnografia no mundo da várzea foi exatamente aquilo que a tornou mais rica diante de minhas aprendizagens enquanto estudante de graduação: de que são estas rupturas, cisões, deslocamentos e tensões que constituem um viver, uma construção cotidiana do que é ser um varzeano e acreditar que a várzea nunca pode acabar.

Desta forma, o objetivo central desta monografia é tentar entender como estas formas de sociabilidades e estas narrativas sobre o futebol de várzea na cidade de Porto Alegre, falam sobre a cidade e sobre este “fim da várzea”, e como estes homens lidam com elementos aparentemente tão díspares, algumas vezes conflituosos. De maneira mais particular, e menos pretensiosa, é feita aqui a tentativa de entender como estes conflitos e estas formas de sociabilidades são sustentadas em momentos de crise, em que as relações sociais, de parentesco,

¹¹ Ver, mais especificamente, a dissertação de mestrado de Arlei Sander Damo. (DAMO:1998).

de vizinhança e amizade, acompanham, através do tempo, estas transformações. Seja através da prática deste tipo de futebol, seja na apropriação do espaço da rua, há neste “mundo” da várzea uma maneira típica de lidar com certos conflitos e com situações próprias do viver urbano.

Neste sentido, a tentativa é situar este “mundo da várzea” através das narrativas mediadas entre seus praticantes e o aprendiz-de-antropólogo na cidade. O motriz desta pesquisa é entender de maneira ainda exploratória, o que significa este “fim da várzea”, e de que maneira esta expressão aparentemente tão simples pode falar de uma maneira própria de viver e se apropriar destes espaços públicos da cidade.

No primeiro capítulo, através de historietas e diferentes suportes audiovisuais, tento colocar o leitor dentro de um ponto fundamental da inserção etnográfica junto a este grupo, e já lançar algumas bases para se entender esta circularidade típica do futebol de várzea. É neste momento que apresento as primeiras “impressões” que tive com dois diferentes times: O Guarany e o Flamenguinho, mostrando como esta cidade vivida pela várzea, de diferentes lugares e indivíduos, me levou até o ator principal desta etnografia, o Martins de Lima e seus integrantes.

No segundo capítulo, ainda lançando mão destas historietas, aprofundo a base da interação para o time do Martins de Lima, os principais informantes que tive, e o bairro onde o clube está inserido. Neste turbilhão de informações, a perspectiva temporal da experiência etnográfica do campo é colocada de forma diferente, mas sempre tentando instigar o leitor a ver nestas pequenas histórias cotidianas e tidas como banais, a potência de se falar de certas formas de sociabilidades públicas e masculinas, atentando não só para um único elemento deste conjunto, mas sim na relação entre indivíduos, local e práticas cotidianas. É neste capítulo que a “adesão” etnográfica se mostra mais clara e desafiadora.

O terceiro capítulo tenta pensar as características principais e analisar de maneira mais teórica estas formas de sociabilidades e interações no espaço público. Pensando nas escalas de bairro, cidade e indivíduo, utilizo-me de alguns autores chaves para entender porque o futebol de várzea pode falar de uma

cidade e de uma sociedade, através de suas sociabilidades e práticas cotidianas. Neste capítulo, estão colocadas imagens de diferentes suportes para falar da relação destas formas de sociabilidade com a prática esportiva através do tempo da cidade.

No quarto capítulo, a questão do conflito é trazida de maneira mais pontual. Analisando as diferentes possibilidades de um “fim” da várzea, os momentos de crise e de negociação são mostrados através de dados etnográficos e elementos narrativos de diversos suportes, tentando colocar diante do leitor a importância de diferentes aspectos da vida social - desde elementos micro-sociais, macro-sociais, e até históricos - para a existência do futebol de várzea. Neste sentido, o exercício de “re-interpretar” a rede de relações que se modificou diante de meus diários de campo é fundamental.

O DVD que acompanha o trabalho, com três vinhetas sobre a experiência etnográfica e o futebol de várzea, não possui uma ordem exata para ser visto. A idéia é instigar o leitor em um ir e vir entre a leitura do texto e a contemplação destas imagens. Ao longo do trabalho, poderá ser feita alguma relação entre as vinhetas e a escrita, mas não tenho condições aqui de decidir qual a melhor ordem para que isso seja feito.

1 DOMINGO É DIA DE FUTEBOL, MAS DESTA VEZ NÃO NA TV

Domingo pra mim nunca foi dia de Faustão, mas agora parece que vai ser o dia de ir pra “praça” ver os dois jogos do dia. Cheguei ao campo da Intercap, na Praça Darcy Azambuja, pouco depois das 09h30min, e um jogo já estava acontecendo. Está no fim do primeiro tempo, e o time do Unidos está vencendo o Falcão por 4 a 1. O fardamento do Unidos tem predominantemente as cores brancas e azuis, com alguns detalhes em amarelo. O Uniforme do Falcão é verde com alguns detalhes branco. No fim do primeiro tempo o Falcão faz um gol, mas o jogo termina assim, 4 x 2. A praça é grande, com um campo que obviamente, como todos outros da várzea porto-alegrense, só possui grama nas pontas. Perto do campo, que considero como o “centro” da praça, há um carro com som alto, e uma banca que oferece água quente e erva para quem estiver por perto, talvez realizando alguma promoção para alguma marca nova de erva.

Além do “areião”, há em suas proximidades uma quadra de cimento para prática de outras atividades, e um espaço cercado com grama que com muito esforço parece tentar reproduzir uma quadra de tênis. Na quadra de cimento há duas meninas jogando handball, enquanto seus pais olham pelo lado de fora, tomando chimarrão. Do lado do campo também há a “sede da Liga”, e um pequeno vestiário, onde os jogadores disputam posições para se trocar. Considero o campo como o centro da Praça porque parece que todas as atenções estão voltadas a ele. É ali que já se decidiram muitos campeonatos da Liga da Intercap, e é ele que ocupa 30% do espaço da praça. (Descrição etnográfica - Diário de campo dia 21/05/06)

Lendo o pequeno trecho de um dos meus primeiros diários de campo, pode-se já perceber que depois de pouco tempo qualquer pessoa pode tornar-se um expectador da várzea e participar de um grupo grande de pessoas que conhecem razoavelmente bem seus termos e suas principais características. Porém, há na prática do futebol de várzea algo além do que está em jogo no campo, que é mediado pelo juiz, e pelas regras do futebol. O que proponho aqui é uma reflexão, a partir da minha experiência em campo, cheia de rupturas e re-começos, do que compõe este modo de viver e se reconhecer na várzea.

Como já foi exposto anteriormente, antes de chegar ao time do Martins de Lima, personagem principal desta pesquisa, passei por diversos momentos na pesquisa de campo, que me trouxeram questões e dúvidas diferentes. O uso da experiência etnográfica contada através de historietas ajudará o leitor a adentrar neste complexo e labiríntico trabalho de campo, cheio de momentos limiares e re-começos. A utilização desta forma narrativa, de certa maneira desafiadora, inspira-se na tese de Liliane Guterres (2003), sobre a cultura do candombe na cidade Montevideu. Segundo a autora, estas historietas pretendem condensar os pontos

de tensão na experiência etnográfica, sem reduzir ou diminuir o sentido de tal experiência, mas trazer ao leitor, através de detalhes, a riqueza de uma trama que se desenvolve de forma não-linear na experiência do antropólogo em campo, recheada de tensões de diferentes naturezas. Algumas destas historietas também serão acompanhadas de pequenas crônicas realizadas em vídeo. Seguindo as idéias de DEVOS (2007), apresento estas crônicas, ou pequenos “filmes de memória”, para relatar aquilo que parece ser ordinário, banal, corriqueiro, tecendo um comentário mais denso sobre esta realidade.

Além disto, o uso de algumas caixas de texto com trechos de entrevistas e diários de campo coloca o leitor diante de uma postura outra para com a experiência do antropólogo e as narrativas que ele escuta em campo. No BIEV, o Grupo de Trabalho de estudos do texto vem tentando elaborar formas novas de se pensar a experiência e reflexão etnográfica através do estudo do texto etnográfico.

1.1 O primeiro contato, as primeiras impressões

Como todo aprendiz de etnógrafo, foi nas primeiras incursões a campo que pude ter minhas primeiras impressões e interpretações do que era este fenômeno da várzea. O maior desafio para este aprendiz-de-antropólogo foi ser aceito, adotado pelo Guarany, algo que até o “fim” do período em que estive junto ao time, não ocorreu.

Durante as conversas extra campo que presenciei, alguns jogadores e outras pessoas ligadas aos times sempre falam sobre algum jogador que está em campo que jogava em seu time, ou em que ano que foi campeão, inclusive sobre quando o Guarani quebrou a invencibilidade do 100% Beko no campo do Araribóia; aliás, diversos outros assuntos evocam esse tema, lembrando de outros times ou gozando de jogadores de dentro do campo, como um dos colegas de Gil fala para um dos que está no banco do Unidos:

“Viu, eu te falei pra vir jogar no meu time, esse teu time aí ta muito murrinha, só tem perna de pau, não te deixam jogar”. Certamente a brincadeira tinha o sentido oposto, o que é de praxe nas gozações entre jogadores.

Terminado o primeiro jogo, as equipes saem, e todos os jogadores estão sujeitos às piadas. Um dos times do próximo jogo entra rapidamente com um fardamento de cor laranja e começa a tocar bola, mas durante o decorrer do jogo percebo que eles não possuem a preferência da maioria dos que vêm o jogo; neste time joga Cachoeira, atacante alvo de piadas e gozações durante boa parte do segundo tempo. O outro time, onde jogam Deco e Brasinha, chamado de Rena, teve que pegar emprestado o uniforme verde e branco do Falcão, pois seu fardamento só chegou no intervalo do jogo. Durante o jogo começo a dar mais palpites sobre o jogo, sobre o juiz, e circulo mais pela grade, tentando puxar algum assunto ou participar das gozações. (trecho de diário de campo, dia 21/05/06)

*

* *

Ainda na grade há os técnicos que sabem tudo de futebol e os “reclamões”. Me aproximo de dois senhores mais velhos, que não param de dar palpites. Eu também tenho minhas reclamações para com o árbitro e alguns jogadores que não conseguem acertar uma jogada sequer.

No segundo tempo, uma situação típica da várzea: o goleiro e o zagueiro do Falcão trocam de camisetas, e conseqüentemente, de posição; só é preciso avisar a mesa e mais nada. Durante muitas partidas vi jogadores entrarem e saírem de campo milhões de vezes. Essa é uma regra do futebol que é re-arranjada pelas necessidades dos times; não é proibido fazer mais de três alterações, os jogadores podem chegar e entrar de acordo com a vontade do técnico, ou da torcida, desde que estejam fardados e assinem a “súmula” da partida. (trecho de diário de campo, dia 28/05/06)

Além disto, já tendo lido alguns pontos importantes de outras bibliografias, meu olhar e minhas interpretações sempre se direcionaram no que concerne a uma bricolagem¹² na forma de jogar e nas formas de sociabilidade do futebol de várzea, no parque Darcy Azambuja, próximo a Ipiranga, dentro dos limites da região do Partenon. No Guarany, a riqueza das primeiras incursões a campo profundas e regulares foi a força motriz para que um trabalho de tanto tempo continuasse trazendo a mim vontade de conhecer cada vez mais o mundo da várzea.

¹² DAMO(2005).



O primeiro dado que coloco para familiarizar o leitor, que ficará dividido depois de tal informação, é que no uniforme do Guarany predominavam as cores vermelho e branco. Muitos jogadores gremistas, e o aprendiz-de-antropólogo-torcedor-do-Grêmio que agora escreve estas linhas se diziam, ou se sentiam, mesmo que nem tão aparentemente, incomodados com isto, mas era algo a ser superado. Na época, o Guarany era treinado por Perna, e a maioria dos integrantes do Martins de Lima também fazia parte da equipe. Como grande parte dos times da várzea, o “plantel” de jogadores não treina durante a semana, mas costuma jogar todos os finais de semana. O “dono” do clube era Getúlio, pivô de muitas discussões internas. O presidente na época era seu João Carlos, e a sede ficava na Rua Martins de Lima. A maioria dos times que tive conhecimento na várzea possui um “dono”, que normalmente é a pessoa que busca recursos para o time se manter. A contribuição mensal dos “sócios” e contribuintes do clube normalmente não cobre todas as despesas com uniforme, churrasco, arbitragem, entre outros. No campeonato da Praça Darcy Azambuja, ligado ao campeonato municipal da prefeitura, um quadro de árbitros escolhidos pela SME (Secretaria Municipal do Esporte) através de licitação, apita os jogos nas praças. Os árbitros recebem por jogo, e cada equipe paga metade dos custos. No ano em que estive mais próximo ao Guarany, fui informado por mais um de seus integrantes que a média de custos durante o ano inteiro saíria em torno de R\$ 11.000, e que um político famoso, ligado ao clube, além de contribuir com R\$ 5.000, pagou um “terno”¹³ completo para o time disputar o campeonato.

Seguindo o olhar da tese de doutorado de Arlei Sander Damo (2005), comecei a ver o futebol de várzea como uma bricolagem entre o futebol profissional, cheio de regras, instituições e regulamentos, e o futebol jogado na

¹³ Nos termos do futebol, “terno” é uma palavra usada para designar um conjunto inteiro de uniforme, das meias à camiseta, para os 22, ou mais, jogadores do time.

calçada, na rua, sem nenhum compromisso. Os limites entre o campo e o público são muito efêmeros, e as jocosidades estão por todas as partes. Fora isto, este olhar “bricolado” me fez atentar para as relações existentes entre o futebol profissional e a várzea, em diferentes aspectos. Além da duradoura idéia de que o futebol antigo só era melhor porque os jogadores eram descobertos na rua, havia em mim a curiosidade de saber se hoje em dia isto ainda acontecia, só que de maneira contrária: no caso, o jogador de futebol que não desse certo, voltaria para a várzea?

Zé Cabeça fala que joga desde os dezesseis anos, e chegou a jogar com Bilica, “aquele que jogou no Inter e em um monte de time”, entre outros jogadores profissionais. Conta que um dia estava encostado no canto do campo e o convidaram para jogar; logo que viram a sua “habilidade”, o mandaram para a zaga, pois era atlético e tinha fôlego. Entro muitos lugares que jogou, lembra do Vasquinho ali da zona, que tinha como patrono o “Chiquinho”. Também jogou no Paulo Berguer, do Patrono Chiquinho. Ivo me conta que o nome do time foi dado por causa da bebida que mistura Undenberg com cachaça, pois muitos do time antes do jogo se reuniam para tomar a bebida antes de entrar em campo. Seu Cabeça, como chamam os jogadores do Guarany, me mostra sua carteirinha de jogador do Paulo Berguer, de 64, e de “diretor” do União da Glória, de 75.

Pergunto de onde eram todos estes times, e ele responde que muitos eram de campos que já nem existem mais, como o Pedro Vero, da Tuca, que foi tomado por habitações e agora é considerado parte do bairro. (diário de campo dia 04/06/06)

Fora isto, eu sempre me senti envolvido com as imagens deste mundo da várzea, com a relação entre a cidade e este evento mais particular. A todo o momento me vinham questões ligadas a esta circularidade entre times e jogadores, entre os lugares da cidade, e os campos em diferentes regiões. No entanto, era preciso buscar isto através das narrativas destes homens, das relações entre as diferentes gerações, que pareciam ser muito fortes na várzea.

Obviamente, sempre soube que não haveria apenas uma resposta, e uma forma de entender isto. Tentar entender estas estórias, estes micro-encontros que se davam na várzea, este “vai-e-vem” de uma rede de relações e uma memória coletiva eram tarefas complexas demais para um simples graduando.

Foi através desta imensa rede de relações que a várzea mostrava pra mim, que fui apresentado a um “dirigente” do Flamenguinho, Tileco, no dia em que era disputada a final da Liga da Intercap no Parque Darcy Azambuja. Depois de estar mais próximo dos jogadores do Guarany, comecei a ter mais facilidade em explicar o porquê desta pesquisa. Não sei se fui bem entendido, mas quase todos

me disseram que conhecer o Flamenguinho, e seu “dono”, Paulão, seria riquíssimo para o trabalho. De certa maneira contrariado, fui, depois de alguma insistência, conhecer o tão falado Flamenguinho do Campo da Tuca, que jogava no Parque da Redenção, devido a diversos problemas antigos ligados ao seu campo de origem.

1.2 A família e a comunidade Flamenguinho, uma partida curta, em outro campo

Chegar ao Parque Ramiro Souto poderia ser um paraíso para um historiador que estivesse pesquisando o futebol de várzea ou até mesmo o futebol profissional. Além disto, até mesmo para um aprendiz-de-antropólogo que estuda a memória e o cotidiano dentro do fenômeno urbano, se deparar com um time que está há mais de 30 anos em atividade na várzea, com bases em uma família, também parecia ser maravilhoso.

O Parque da Redenção, estando entre as três maiores áreas verdes de Porto Alegre, faz parte do lazer dos habitantes da cidade há mais de 50 anos. No Plano Geral de Melhoramentos, de 1914, já se colocava a necessidade de conservar o espaço e melhorá-lo para o uso público e de lazer.

“O Campo da Redempção, que já foi objecto de estudo anterior a este projecto, além das avenidas que o circundam, é cortado por quatro avenidas arborizadas lateralmente e com iluminação central; (...) Há espaço suficiente para mais tarde ser embellezado com obras de arte, fontes, grutas, grupos de estátuas, etc..., o que não projectamos, pois o presente estudo apenas cogita o estabelecimento de um grande parque (...). O atual projecto da Várzea deve ser considerado um anteprojecto, sobre o qual deverá ser calcado o futuro e definitivo com as suas obras de arte. (Plano Diretor: 1914)

Pois bem, aqui estariam respondidas minhas perguntas de porque o nome desta prática esportiva chama-se futebol de várzea. Porém, o estudo voltado para o patrimônio etnológico da cidade, que é a proposta do BIEV, deve, antes de tudo, atentar para o que coloca Rocha (1996), que retoma a cidade como o lugar que fabrica e possui utopias, a guardiã de bens intangíveis da Tradição Ocidental, onde se encerraria toda crença no individualismo democrático moderno. Ao se

falar na preservação de bens intangíveis, como a memória de Porto Alegre nas praças públicas está falando de toda uma comunidade de símbolos, uma dinâmica de sentidos, e por isso, ao colocar estas em um conjunto de leis e regras, estamos inferindo também em formas de ser e viver não-discursivas de grupos sociais, criando impasses.

Primeiro, porque a idéia científica de bens culturais não abriga estas formas não-discursivas de ser e viver, e torna-se necessário ampliar este conceito, para que as formas do espírito humano que se manifestam nas ações do mundo possam ser englobadas pela cientificidade. Segundo, é preciso estar atento ao fato de que os bens culturais não se encerram em simples enunciados, sendo modificados constantemente. Terceiro, porque tentar traduzir estas formas culturais em textos científicos pode significar um congelamento do dinâmico processo de produção destes bens.

Assim, olhando para o trecho de alguns cronistas antigos, podemos ver em suas linhas a importância cultural e simbólica deste parque - mesmo antes de ter seus limites e nomes consagrados - para o cotidiano da cidade e para a prática esportiva, de diferentes naturezas:

Muitas vezes foi escrito que em Porto Alegre, já se assistiu a touradas, que aqui residiam toureiros e que seria ali, no atual Parque Farroupilha, quase defronte à Rua da República, o grande Circo de Touros. Atestando a existência deste, existe icnografia, e talvez por esta ser do fim do século são situados os espetáculos de tauromaquia na última década da centúria passada(...)

(...) Na verdade os espetáculos de touradas aqui são bem mais antigos do que geralmente se pensa. Já em 1875 existiu uma empresa atuando em Porto Alegre, da qual fazia parte o famoso toureiro Frascuelo e o célebre bandarilheiro português, Almeida Fontes. Este chegou a residir entre nós. Infelizmente a falta de periódicos àquela época nos impede de apresentar pormenores, o que só podemos fazer com relação a uma das últimas temporadas do Circo do Parque da Redenção. (MACEDO: 1982)

Nesse sentido, olhando para estas formas não-discursivas de ser e viver, o que me chamou a atenção sempre para o campo da Redenção e seus jogos era a maneira como o time do Flamenguinho mobilizava uma comunidade inteira até um espaço longe do seu bairro, e parecia ser sustentado por algumas famílias.

Desde o começo, o time do Campo da Tuca, com seu presidente, seu dono e sua estrutura apresentaram-se para mim como uma instituição. Pensando na

bricolagem de Damo, estava muito mais para o futebol profissional do que para o futebol da rua. Mesmo sabendo que Paulão era citado por todos como o cara que sabia tudo sobre a várzea de Porto Alegre, que seu cunhado era um dos dirigentes, sua mãe uma das “tutoras” do time, que assumia um papel de matriarca da grande família Flamenguinho, eu nunca consegui chegar mais perto do que outros torcedores do time. Conheci “da Mamãe”, o goleiro que está há mais de 13 anos jogando no clube, e seu filho, com 20, é zagueiro do time de categoria livre. Quase me esqueço de ressaltar, a camiseta do Flamenguinho, pelo nome evocativo, também estava coberta das cores vermelho, branco e preto.



A esta altura do campeonato, com o perdão do trocadilho, eu me achava diante de todas as respostas sobre a várzea e como ela se sustenta durante tanto tempo. Mas foi em uma destas tardes ensolaradas na Redenção que comecei a me dar conta de que viver a cidade

pelo futebol de várzea é viver tensões, rupturas, crises, algo que parecia longe de acontecer no tão bem estruturado time do Flamenguinho.

Não nego aqui a importância do pertencimento a um bairro para os times de várzea, mas é essa constante ondulação do viver cotidiano que parece dar a esta prática de lazer cada vez mais motivação para continuar existindo.

Simoni Lahud Guedes¹⁴ em sua tese de doutorado, que depois foi editada em forma de livro, trata das maneiras e práticas de trabalhadores pobres de bairros industriais da cidade do Rio de Janeiro. No artigo intitulado “*O futebol e a re-apropriação do espaço urbano em bairro de trabalhadores*”, a autora fala da importância de se estabelecer uma rede de sociabilidades masculina em um bairro, e a necessidade eminente de um local de pertencimento para jogar e

¹⁴ GUEDES (1997)

confraternizar, citando dois casos de times e amigos que superaram as adversidades para estabelecer um local de lazer.

O Flamenguinho passava por algo parecido. Seu campo, tão famoso entre as rodas de conversas nos campos de várzea – o Campo da Tuca – estava impossibilitado para jogo, pois segundo a Prefeitura, não tinha condições geográficas e seguras para a disputa de campeonatos.

Mesmo achando muitos pontos e muitas perguntas (a maioria um pouco imaturas teoricamente) para serem respondidas, não pude me aproximar do Flamenguinho o quanto eu queria. Talvez por inexperiência etnográfica, talvez por falta de vontade, talvez por causa da grandeza do time, e talvez porque a várzea me passou a bola, e eu tinha que tomar uma decisão rápida.

1.3 Segundo tempo, e o time muda de nome, e de uniforme

O apito inicial para a minha pesquisa junto ao Martins de Lima foi em uma tarde ensolarada no Parque da Redenção. O contato nesta rede quase interminável de relações da várzea me levou ao Martins de Lima quando fiquei sabendo, por um dos informantes, da briga entre integrantes do Guarany e a idéia de fundação do clube que ainda nem sequer tinha um nome definido.

Para explicar melhor toda esta reviravolta, é preciso antes salientar uma coisa. O campo da Redenção é um campo visitado e freqüentado por muitas pessoas, desde as que acompanham o futebol de várzea às famílias que passeiam com seus filhos.

Durante todo este tempo da pesquisa, nunca consegui responder firmemente esta pergunta, mas entre minhas hipóteses está a idéia de que a Redenção, além de ter o Parque Ramiro Souto, tem outras diversas atrações para os habitantes da cidade. Mesmo para quem está só de passagem, o futebol no campo sempre chama a atenção, e religiosamente, acontecem ali durante todos os sábados e domingos jogos envolvendo diferentes campeonatos e idades. Segundo, porque o parque está situado em um ponto quase central da cidade. O acesso, mesmo para quem não tem carro, é fácil, e liga duas grandes avenidas de

Porto Alegre: João Pessoa, com suas linhas de ônibus para a Zona Sul e Zona Leste, e a Oswaldo Aranha, com algumas linhas para o norte e a maioria para o leste da cidade.

Ou seja, nas diversas vezes em que fui acompanhar os jogos de domingo à tarde, encontrei muitos integrantes do Guarany, que não tinham jogos no bairro para assistir neste horário, e queriam dar uma olhada no jogo dos vizinhos próximos da Tuca.

Situação complicada começo a tentar entender e saber o que vai acontecer com o **Guarani**, como funcionará essa separação. Pergunto se a eliminação precoce do time no Municipal não colaborou com isso. Maninho, com a mesma calma de sempre, responde

“não, acho que não, isso já vinha de antes. É que tava um negócio muito desorganizado, sabe. A gente agora quer montar o time e cobrar tipo uma mensalidade, como clube mesmo, não só do jogador e dirigente, mas do pessoal que simpatiza com o clube, fazer uns almoço, mais coisas pra arrecadar dinheiro. Porque esse negócio de pegar dinheiro do político x, não digo que não é bom, mas do jeito que acontece é meio ruim; ele chega lá e pergunta, quanto é que vocês tão precisando, e dá uma grana pro uniforme, um churrasquinho, nem pergunta como ta o clube. A sede lá vai continuar com nós, o Guarani vai pra outro lugar, inclusive agora tão construindo um galpão lá no fundo”

Certamente é um plano sério, e pergunto pro Maninho porque ele resolveu ajudar na fundação do Martins Filho:

“... é que o cara que ta organizando tudo isso é meu parceiro, amigo antigo, eu to do lado dele, ele me convidou e eu fui. Tem um pessoal lá que vai ficar, o Perna, o Gilson, aquele outro zagueiro, mas ninguém ta brigado, só que a gente quer fazer um esquema melhor”
(Diário de campo, dia 16 / 09 / 2006)

Em um destes encontros, vejo que Maninho, um dos mais receptivos no então para mim Guarany, está observando o jogo. Maninho é um homem de meia altura, barrigudo, cabelos rasos e brancos, mas com seus conservados “50 e poucos” anos. Foi Maninho que me apresentou o campo do Murialdo quando fui à sede do Guarany pela primeira vez, e me colocou em contato com outros senhores do clube.

Depois de um breve papo, Maninho me conta que o Guarany se dividiu, após uma briga do filho de Getulio, o “dono”, com Mala, que cuidava da sede. Conforme Maninho, a briga foi só o estopim para que alguns incomodados com a desorganização do clube e o envolvimento político “superficial” pudessem criar coragem e fundar um novo time, algo sério.

Neste diário ainda achava que o Martins de Lima se chamava Martins Filho, devido a pouca familiaridade que tinha com as ruas do bairro onde se instalaria

minha mais nova e intensa paixão futebolística no futebol de várzea, um time que enfim, não vestia uniforme vermelho.

Depois de um tempo sem poder ir a campo, resolvi voltar sem saber o que esperar de todo este processo aparentemente inacabável na várzea. O próprio trabalho de campo, o jogo entre informantes e aprendiz-de-antropólogo, foi me colocando diante de situações limites e que pareciam fechar um momento, para me forçar a entrar e iniciar outros.

Porém, as minhas dúvidas sobre em que lado ficar desta briga, foram cada vez mais sendo diminuídas. Primeiro, porque como se pode ver no trecho do diário abaixo, já começava a me sentir afastado de Perna, e do Guarany. O que finalmente deu um basta para minhas indecisões.

Enquanto o jogo se desenrola, percebo que sou o único no meio do campo, que todas as pessoas foram para a sombra nas laterais do campo. Além de me preocupar com o sol, o que mais me incomoda é a sensação de não saber o que fazer. Pude reencontrar jogadores do Guarani e até uma das famílias com quem tive contato. Fico pensando em como seria se eu tentasse investir no Guarani como meu time de adoção, mas também penso em algumas atitudes e respostas que me levam a pensar no Martins Lima.

No meio do segundo tempo, Perna percebe que as garrafinhas de água estão todas vazias. Ele olha para mim, fica sem ter reação, e quando vê um menino parado ao meu lado, o pede para encher as garrafas no bebedouro. Não sei se é uma atitude de respeito, ou de falta de confiança, mas acho que a minha constante visita ao campo trará respostas mais certeiras e claras quanto a isso.

O próximo passo é ir sábado à tarde ao Murialdo, ver como serei recebido pelos integrantes do Martins Lima e como será meu segundo re-encontro com o pessoal do Guarani, que provavelmente estará lá também. Acredito que agora tenho mais chances de realizar saídas mais regulares e pensar sobre estas saídas e as prováveis imagens com as quais irei me deparar pela frente. (Trecho de diário do dia 22/04/07)

Seguindo as perguntas constantes nos diários de campo e sempre orientado através das reuniões semanais no BIEV¹⁵, fui adentrando na rede que ligava estes jogadores do novo velho time ao bairro São José, mais precisamente às formas de sociabilidade e aos usos dos espaços públicos de lazer, que desde o começo pareceu-me a ligação entre estes homens, e que em certa medida, contorna toda preocupação desta pesquisa.

O Martins de Lima foi fundado no dia 6 de agosto de 2006. O seu presidente, Julinho, e o vice-presidente, seu João Carlos, sempre foram muito

¹⁵ No BIEV, cada pesquisador, em um projeto comum, realiza uma etnografia própria, que serve, junto com o trabalho no Banco de Imagens, com suporte para as discussões nas reuniões dos diferentes Grupos de Trabalho. No meu caso, participo há três anos do GT de vídeo, um ano e meio do GT da escrita, e meio ano do GT da foto.

receptivos e abertos a conversas enquanto eu circundava os jogos e a sede do Guarany, e acabaram se tornando meus informantes mais próximos. Além de poder acompanhar este processo de perto, o que mais me intrigou foi que apesar de tudo, sempre vi o Martins de Lima como um time já com história, com jogadores que tinham uma trajetória na várzea e que agora, mesmo depois de tanto tempo, ainda tinham fôlego para começar outro desafio, uma nova empreitada: um time novo, que tinha dois uniformes, e nenhum com as cores vermelha, branco ou preto (!!!). O uniforme principal do Martins é verde e branco, e o reserva é amarelo e azul. Não pude conter minha alegria, quando vi, pela primeira vez, entrar no campo, o time alinhado com as cores do segundo uniforme, sem nenhum resquício ou traço da cor vermelha.

Como se verá mais adiante, quando pude entrar em campo com a câmera de vídeo e com a máquina fotográfica, que consegui ter mais clareza da posição em que eles me colocavam no clube. O “guri”, que ia fazer um trabalho sobre o Martins de Lima para a UFRGS. Palavras de seu João Carlos e Julinho, o vice-presidente e o presidente do time, respectivamente.



O uso de equipamentos audiovisuais sempre foi uma das motivações do trabalho. Dentro de um grupo que pesquisa a produção videográfica em etnografia no BIEV, sempre tive a preocupação em direcionar meu olhar de maneira mais atenta para as formas e enquadres em campo. O vídeo tornou-se, para a pesquisa, fundamental para se captar a riqueza das práticas cotidianas (DE CERTEAU: 1998), mas também inseriu uma nova perspectiva na interação entre pesquisador e pesquisado. Através deste método, o pesquisador precisa renegociar os códigos da interação, mas ao mesmo tempo é capaz de narrar e contar histórias de maneiras diferentes, tentando sempre criar para o espectador, o processo de estranhamento que ronda o trabalho antropológico. Mostrar a cidade pelos seus campos de várzea requer uma atenção maior neste sentido,

onde as camadas do tempo não são mostradas apenas na narrativa oral, mas também nas formas que se apresentam ao pesquisador e interferem na constituição de sua temporalidade.

Pensando novamente no artigo de Devos (2007), a intriga do vídeo etnográfico é composta por dois elementos principais. O primeiro, como foi exposto acima, seriam as “artes de dizer”, de DeCerteau (1998), composição da performance e do gesto, “das suas táticas de entonação de voz, de orquestração dos silêncios, da cadência dos gestos que faziam com que a história fosse contada com o corpo” (DEVOS: 2007, pp.6). O segundo elemento seria a sucessão de elementos narrados, a aproximação do roteiro que as imagens e relatos em campo podem contar com o roteiro proposto pelo antropólogo, no sentido proposto por Geertz (1989), de uma “descrição densa”, onde a interpretação do antropólogo seria feita em cima da interpretação que o nativo tem de sua cultura. O autor, nesse sentido, se coloca como um outro narrador.

Sempre atento para as condições de uma etnografia no espaço público, acredito aqui ser possível pensar na idéia proposta por ECKERT e ROCHA (2003), de “etnografia de rua”. Esta etnografia propõe ao antropólogo o desafio de ter experiências com as ambiências das cidades como a de uma “morada de ruas”, cujos caminhos, ruídos, cheiros e cores a percorrer sugerem, sem cessar, direções e sentidos desenhados pelos próprios pedestres e dos carros que nos conduzem a certos lugares, cenários, paisagens.

Para traçar os campos de futebol de várzea como territórios próprios da cidade moderna, é preciso tentar perceber os ritmos e tempos vividos na rua, conhecer a cidade no seu sentido mais cotidiano, prestar atenção nas falas, ações e deslocamentos de seus *habitués*, e por isso mesmo, vivenciar a “dramática da rua” durante todo o processo de pesquisa torna-se fundamental.

Assim, o uso da fotografia e de outros meios audiovisuais permite registrar dramaticamente essas interações entre indivíduos e/ou grupos, e ajuda a pensar melhor as diferentes formas de sociabilidade do mundo contemporâneo.

O desafio, a partir desta fala da cidade e seus passantes e *habitués*, é transpor conceitos cotidianos e linguagem não-discursivas para o campo de

conceitos abstratos com os quais trabalha o antropólogo. O mergulho no ritmo e na intensidade dos gestos, ações, dramas e cenas de vida cotidiana vividas pelos habitantes das cidades modernas, somente alcançada pela etnografia de rua, passa a ser fonte de inspiração e interpretação do antropólogo sobre sua própria situação no mundo em que busca compreender.

A partir deste momento, a preocupação central foi tentar deixar clara minha intenção e minha posição no time: ser “adotado”. As dúvidas em campo são outras, mas era preciso antes de tudo participar mais ativamente da sociabilidade destes homens em outros contextos que não só no campo de jogo, e me aproximar de informantes chaves para entender este processo de re-construção do novo-velho time.

2 O TIME QUE VESTE AZUL, E O BAIRRO QUE SE VESTE DE VERDE

2.1 Dois jogadores importantes para o “meu time”

Seu João Carlos pode ser visto como um Doc, de Foote-White¹⁶. Um senhor de 72 anos, 40 dedicados à várzea, fundador do Guarany e participante ativo da vida do bairro. Sempre soube lidar muito bem com as mudanças da várzea, e é respeitado por todos no bairro, onde muitas vezes é tratado carinhosamente como “Presidente”. Com seu João Carlos, realizei a única entrevista gravada em vídeo, e pude perceber como toda sua trajetória estava ligada ao futebol de várzea.

Seu João Carlos é um senhor já de idade, com uma barriga avantajada, e de estatura média, com cabelos bem curtos e grisalhos. Seu nariz é largo e sua voz soa tranquilamente, com algum tom de deboche em algumas ocasiões, sempre ficando mais aguda no final das palavras. Já tinha ouvido de outros que João Carlos estava ausente dos dois times, mas vi nele uma chance de saber sobre esta estranha e complicada situação. Começo a conversa como havia pensado. Conto como fiquei sabendo da ruptura do Guarany e ele logo fala:

“É, foi uma coisa meio acertada, não tinha outra decisão a tomar... Quando acontece uma briga dessas não tem o que fazer, o melhor é se separar mesmo. Eu to meio distante disso tudo, resolvi me afastar, eu e mais um monte de gente”

Quando falo mais um pouco com ele sobre a briga, ele me diz que esse tipo de coisa é comum na vida das pessoas:

“É, é uma coisa comum sabe? A gente que é mais antigo já ta acostumado com isso. Tu que é jovem ainda vai aprender, talvez eu nem esteja mais aqui, mas um dai vai aprender”

Respondo que tenho consciência disso, que a vida também é feita de discussões e rupturas. Ele prontamente fala:

“É, discussão é uma palavra muito forte, não precisa usar uma palavra tão dura”.

No meio da conversa começa o jogo, e no primeiro lance de ataque do time de verde, seu João Carlos avisa “Olha o Gol”. Não da outra, logo depois de sua previsão ser confirmada, ele retruca:

“Eu falei, esse atacante é mesmo muito bom”

Pergunto se ele ao menos acompanha o que acontece no Murialdo, e a resposta é com muita convicção:

“É, acompanho, e acho até que o Martins Lima vai dar mais certo que o Guarany sabe? Mas também tem uma coisa. Olha aí pra esse campo. Tu acha que tem como alguma coisa sair desse campo? Isso aqui o pessoal só joga pra se divertir mesmo, porque não da em nada. Lá na Intercap, no Araribóia sim, o time joga depois o Municipal, aqui é só pra movimentar a periferia” (Diário de Campo dia 30 / 04 / 07)

¹⁶ FOOTE-WHITE (2005)

Foi a partir do encontro com seu João Carlos que pude me aproximar de Julinho outros integrantes do Martins de Lima. Durante meus primeiros contatos, seu João Carlos nunca deixou muito claro que estava fazendo parte ativa do Martins de Lima, mas aos poucos, durante as saídas de campo, fui percebendo nele uma confiança em me mostrar sua pertença ao clube recém fundado.

Somente na entrevista que realizei com seu João Carlos, na sede do clube, acompanhado de



Rafael Devos, utilizando a câmera de vídeo, que me dei conta e percebi a importância do Martins de Lima, e toda a trajetória da várzea do bairro, para seu João Carlos. A constância de se viver a várzea aos poucos, acumular experiências, saber lidar com isto tudo, fica evidente na fala de seu João Carlos.

É notável a ligação dele com estes conflitos que acontecem na várzea. Fora o conflito pessoal, em narrar e lembrar-se de tudo isto, estão os conflitos que fazem surgir no bairro novas relações e novas agremiações. Ao mesmo tempo, Rafa ia tomando conhecimento desta várzea, dos times, da briga, e do funcionamento desta engrenagem do futebol amador. A sua participação foi importantíssima para o decorrer da entrevista. Enquanto eu estava preocupado em organizar as idéias de seu João, fazer ele me falar das múltiplas relações que eu havia estabelecido, ele estava preocupado com o a fala de seu Estevão sobre o que é a várzea e o que é ser varzeano, de maneira mais simples. Nas próximas entrevistas, preciso me controlar e deixar o outro falar mais, contar sobre sua maneira de relacionar a cidade, a várzea e sua vida. Mas, será que isso é possível? Diante de um espaço onde a conversa e as sociabilidades fundam um saber viver. Conseguirei interagir e saber destas histórias sem participar delas?

Obviamente, o roteiro também não foi um desastre. Através das perguntas mais simples comecei a me dar conta da importância do seu trabalho como funcionário público na prefeitura e os tempos que marcam a sua vida com a várzea. Além disso, é aparente a ligação de seu João com o bairro. Ao falar sobre as mudanças e lugares onde morou, seu João é enfático:

“E, eu acho que se mudasse me mudaria pro Glória, não que eu fosse me mudar, eu nunca faria isso, mas lá da pra fazer futebol.”

Esta expressão é intrigante. O que significa um lugar onde dá pra fazer futebol? Em que lugares não há várzea, apesar de ter futebol? Em que lugares há pessoas e campos dispostos a passarem por tudo isto que a várzea exige?

Sempre articulando o passado na prefeitura, brigas no Murialdo, futebol na cidade, seu João Carlos agora se coloca como o “sábio” e “orientador” dos mais jovens (30 anos pra cima). Segundo ele, o “dom da palavra” o acompanha há muito tempo, mas isso só foi possível pelo tanto de coisas que ele viveu e teve diversas experiências (Trecho de diário de campo dia 02/06/07)

Seu João Carlos trabalhou sempre no serviço público, e me disse que conhecia todas as ruas do bairro pelo código, antes de terem nome e asfalto. Quando chegou ao bairro, com seus 37 anos, foi chamado para se parte do “Clube dos Pais do Murialdo”, mesmo sem ser pai. Segundo ele, o Clube dos Pais era um

clube onde só se reuniam homens casados, e muitos senhores, falecidos ou ainda habitantes do bairro, freqüentaram este clube. A sua relação com os habitantes do bairro, mais do que com as ruas, era fundamental para entender como ele acumulava e compartilhava estas experiências, estes códigos e estas lembranças.

Durante a entrevista, os momentos mais emocionantes foram quando seu João Carlos se lembrava do Guarany, e da fundação da Sociedade Beneficente e Recreativa Guarany, em que ele redigiu e elaborou todo o estatuto.

No entanto, a maior alegria que eu pude lhe oferecer foi devolver a entrevista realizada em um DVD, que ele pode assistir com sua família e ouvir as suas palavras de sabedoria, revendo seu sorriso ao falar do pertencimento ao bairro e ao novo time que estava surgindo, o Martins de Lima.

Seu João Carlos se apresentava como o vice-presidente do Martins de Lima. O presidente, Julinho, já tinha sido me apresentado anteriormente, no Guarany, mas só depois de se tornar o presidente do Martins de Lima, que pude conhecer o homem que botou uma medalha em meu peito.

Segundo outros informantes, em conversas que tive menos formais, Julinho sempre foi muito amigo da antiga geração do bairro, e sempre esteve envolvido nas movimentações relativas à várzea no Murialdo. Seu pai, durante uma pequena entrevista dentro de campo, me explicou que

“(..) o problema do Júlio aqui, ele é um guri que foi criado no meio da gurizada, e ele sempre foi um líder, no meio da gurizada. Então, todo o futebol que existir aqui ele tem que ta no meio. Tudo que existir na zona aqui é ele, ele é o líder da turma. Essa gurizada aqui, todo mundo adoram ele. Então por isso que ele.. Ele que meteu na cabeça que ele tinha que criar o time, e aí ele... Se surgir um time de veterano aqui, pode contar que todo bom veterano vem do lado dele”. (entrevista realizada no dia 02/06/07)¹⁷

¹⁷ Neste dia em que pude filmar o jogo entre Martins de Lima e Guarany, descobri seu Joãozinho por acaso. Durante nossa conversa em campo, fiquei sabendo que ele era amigo de infância de Getúlio, dono do Guarany, e pai de Julinho, presidente do Martins de Lima.

Julinho foi quem me explicou porque o Martins de Lima ficou com a antiga sede do Guarany, e qual a sua intenção ao fundar o novo time.

Estamos no canto do campo, e outros amigos de Julinho vão chegando. Seu João Carlos chega e me cumprimenta dizendo para os outros que irei fazer uma "reportagem" sobre ele e a história do Murialdo, que já até peguei seu telefone. Julinho fala para seu João que agora irei acompanhar o Martins de Lima. Falo que quero não só saber a história do Murialdo, mas saber do Martins de Lima e da várzea no Partenon. Seu João Carlos retruca e diz que o Martins não tem nem sequer um ano de existência, e Julinho responde falando que ao menos os jogadores têm história, que o nome mudou, mas as pessoas são as mesmas, que sempre batalharam para que o time desse certo. Concordo com Julinho e digo que fico admirado com a vontade e o gosto pelo futebol que se tem na várzea. Julinho ainda responde:

"Ih, tu tem que ver Domingo de manhã então, quando é acima de 44, o que os velho jogam aí. Vem toda diretoria, o campo fica mais cheio que hoje, e não importa o dia, pode ta chovendo, que o time todo vem, todo mundo vem assistir (...) não adianta meu, o gosto pelo futebol é do sangue, esses velho só vão parar de participar da várzea quando morrerem, e olhe lá..."

Seu João fala para Julinho sobre a carne que sobrou e que os espera no intervalo do jogo, e Julinho fala que irei com eles e comerei a carne. Agradeço e fico muito contente, e pergunto para Julinho como está a sede que conheci há alguns meses. Ele fala que agora está construindo um Galpão crioulo nos fundos, e que a obra encerrará sexta, com uma inauguração para qual estou convidado. Pergunto como foi o acordo da sede e Julinho responde que o aluguel estava em seu nome, mas disse que poderia transferi-lo para o Guarany, que não o quis. Dessa maneira, o Martins de Lima ficou com a sede e agora que o time está sério, estão ampliando. (diário de campo dia 12 / 05 / 2007)

O desafio estava lançado, a bola já rolava há muito mais tempo, e eu tinha, à minha frente, a chance de etnografar situações interessantíssimas para o trabalho, sabendo que eu tinha apoio de grande parte dos integrantes do time, tentando mostrar até para alguns de seus integrantes, de que a história não se constrói só em um livro ou na lembrança de uma data, mas sim cotidianamente, no viver e reviver experiências, re-agenciando memórias e práticas. No entanto, adentrar em um mundo masculino de outra faixa etária, e de um outro *ethos*, nunca foi uma tarefa fácil para qualquer antropólogo, ou no meu caso, aprendiz-de-antropólogo.

Foi a partir destas múltiplas relações entre os meandros da rede do futebol de várzea, ou parte dela, entre dirigentes e colaboradores, jogadores e presidente, que pude perceber como a aproximação em um mundo masculino do espaço público é lenta e gradual em um trabalho de campo. Durante a escrita de diários de campo e orientação no BIEV, vi que isto era um dado extremamente relevante, e que pensar a condição e as formas de apropriação do espaço público por estes

homens passava por estas questões e dúvidas suscitadas em campo. Muitas vezes colocado como o “repórter” que ia fazer uma reportagem sobre a várzea, e tive que me afirmar como pesquisador, entendedor de futebol, me colocar como alguém que agüentaria as chacotas e as gozações em todos outros âmbitos da vida destes homens.

A “adoção”, já citada anteriormente, foi lenta e gradual, e ocorreu através de alguns rituais, alguns momentos mais importantes, em que pude compartilhar da sociabilidade e das interações entre os integrantes do Martins de Lima e outros homens do bairro.

Pensar as interações na rua é pensar o bairro em si. Pierre Mayol (1996) coloca que as ruas do bairro são os lugares onde se pode privatizar o espaço público. Além da distinção entre casa/rua e público/privado propostas por DAMATTA (1991), o autor ressalta que o bairro, nas cidades modernas contemporâneas, é a mediação entre a vivência privada, da casa, e a vivência rápida e turbulenta do espaço público, da grande cidade.

Ao tentar entrar em outros círculos de convivência e sociabilidade do grupo, comecei a freqüentar os almoços semanais no bar do Toninho.

2.2 Os almoços de sábado: o rachaó!!!

Já começo a ver os preparativos para a festa do Dica, zagueiro do Martins, e que será comemorado na sede. Fico com vontade de ficar e participar, depois que sou convidado por Maninho, mas tenho que ir, minha hora se aproxima e tenho que ir pra casa. Quando vou embora Julinho me convida para ir almoçar com eles de novo no próximo sábado. Confirmo que irei, mas ressalto que gostaria de ajudar de alguma forma, pra não ficar comendo sem participar do racha. Um outro amigo de Julinho, que também jogava pife, me olha e comenta:

“Pra que, tu come com a boca, não precisa de dinheiro pra comer, só de fome”

Rio, todos riem, e vou para rua, onde encontro seu João Carlos. Comento da minha dificuldade em passar as imagens para uma fita, e ele diz que fita não adianta, ele não tem mais vídeo cassete, só DVD. Ainda bem que não levei a fita. (diário de campo dia 09/06/07)

O bar de Toninho é um dos muitos que compõe a esquina do campo do Murialdo. Durante os primeiros jogos, sempre me senti incomodado, no bom sentido, em saber o que tantos homens e porque tantos conhecidos de meus

informantes principais sempre estavam na frente do bar antes dos jogos. Toninho é o dono, o bar não tem nome, portanto, todos conhecem o local como bar do Toninho. Assim como na sede do Martins de Lima, possui algumas máquinas caça-níqueis, onde sempre há alguém tentando ganhar algum trocado de maneira mais “fácil”. Após algumas conversas com seu João Carlos e Julinho, fui convidado para o almoço, e fui avisado para chegar cedo, ou não sobraria comida. Na parede do bar, havia uma tabela, com o nome de cada um que participava do almoço. Todo final de semana, dois do grupo desembolsariam 50 reais (em média era o necessário) para pagar o almoço para todos. A tabela já estava preenchida até o final do ano.

Fiquei surpreso, e perguntei, diversas vezes, se poderia participar. Em nenhum momento, Julinho, ou qualquer um dos que estavam no local, me deixaram pagar alguma coisa. A resposta era sempre a mesma: “Tu não come com o bolso, só com a boca. Só chegar que tem comida”.

Assim, fui me sentindo cada vez mais parte do time e do clube, e, assim como Geertz correu para fugir da polícia em Bali (1989), eu não poderia ficar de fora daquilo que era a base, o pilar principal da sociabilidade no Murialdo, e constantemente em todos os campos de várzea: a chacota, a gozação e as jocosidades. Sempre tive um pouco de receio em responder e adentrar de vez neste jogo de respostas semiprontas e frases quase sempre de cunho sexuais, mas era praticamente impossível ficar de fora disto.

Mais um sábado. Desta vez, faz um pouco mais de frio que ultimamente. Porém, há sol, brindando o bom momento da etnografia, onde alguns medos bobos, mesmo que teimosos vão perdendo força. Estou indo mais uma vez ao almoço de sábado no bar de Toninho. Sim, lembrei o nome, depois de tanto ouvir seu nome ser chamado pelos outros homens do lugar. Ainda tenho um pouco de receio em relação a estes almoços. Todos se conhecem há anos, pegam e ajudam no racha, e de repente aparece um guri querendo saber de tudo e comendo sem pagar. Mesmo que esteja ligado a alguém conhecido, Julinho também não pode ser considerado um Doc dos rapazes da esquina.

Chego ao bar e vejo que o almoço é churrasco, e que recém o fogo está sendo preparado. O problema do almoço tarde é que alguns que almoçam têm que jogar às 14h, pelo Martins, e não podem passar desse horário. Durante o churrasco, as piadas viris e de duplo sentido sexual são sempre feitas. O assunto da roda é o Grêmio, e a derrota de 3 a 0 para o Boca.

Encontro seu João Carlos, ele comenta que eu me agreguei à pessoa errada, enquanto alguns fazem piadas sobre a minha situação de “penetra”:

“O guri, tu se agregou com a pessoa errada. Tinha que ter se agregado com o presidente, não com o vice”
(Diário 16/06/07)

*
* *

O prato do dia é massa. Uma com molho de galinha, e outra alho e óleo. Julinho prontamente me convida para comer, e fala pra não ter vergonha. Quando começam a servir, o cozinheiro Luizinho e o dono do bar falam que se eu não for ligeiro não vai sobrar, e insistem para que eu vá me servir. Assim que me levanto já percebo que fazem piadas comigo. “Então ta né guri, pela primeira vez vai sair comida aqui do nosso bar”. Todas, todas as piadas têm um cunho machista e apelam para a “vergonha” do homossexualismo. Sempre uma frase de duplo sentido, uma piadinha com o nome de alguém, mas o assunto é sempre o mesmo. Eu, no meio disso, começo a me sentir correndo da polícia na rinha de galo, mas em proporções menores. Fazer parte das piadas parece que é fazer parte de uma parcela desta sociabilidade.

Durante o almoço, outra piada. Luizinho, amigo muito próximo de Julinho, fala com ele, mas em voz alta, para todos ouvirem:

“Oh Julinho, pode trazer sempre o guri aqui, ele só come pão com cebola”.

Na verdade, era só isso que tinha no meu prato, mas estava comendo com gosto, depois da massa. Quando termino o prato até o balcão do pequeno bar e começo a conversar com Julinho. Ele conta do pai, que entrevistei semana passada, que é gremista fanático, e o resto da família é colorada. Julinho me mostra também a lista do almoço. Na parede do bar há uma lista de datas, de todos os sábados até o final do ano, fora os feriados, e do lado há o nome da dupla que vai fazer o almoço no dia. Normalmente, cada um dá R\$ 50,00, e sempre é o suficiente pra todo mundo. No entanto, houve algumas reclamações quanto a isso. Julinho contou que o grupo sempre faz churrasco, mas resolveram mudar nas últimas semanas, por um mocotó e uma massa, que acabaram muito rápido:

“é cara, é que churrasco enjoa, mas também tu só vai largando carne ali, não precisa calcular muito”
(Diário dia 09/06/07)

Este tom de jocosidades, na maioria das vezes sendo baseada na idéia de um desvio do padrão sexual, era recorrente em quase todos os espaços que freqüentei. Além das piadas ligadas ao comportamento ou posição social dentro do grupo, estes “duelos verbais”, segundo aponta Simoni Lahud Guedes (1997), de constante troca entre acusações e respostas prontas, joga com a idéia de uma sexualidade padrão, viril, de macho, que está também presente dentro dos campos.

Se são cotidianamente registráveis as exhibições da sexualidade, mesmo entre os mais velhos, aproveitando-se de todas as oportunidades que aparecem para estabelecer a dúvida a seu favor, estas situações,

embora centrais, diluem-se num fluxo contínuo de conversas e trocas, em que tudo, rigorosamente, pode ser negociado: posições políticas, interpretações religiosas, bens, versões de fatos locais e extralocais, auxílios diversos, principalmente alocação no mercado de trabalho informal. (GUEDES: 1997, pag. 147)

Esta relação entre sociabilidade masculina, principalmente em espaços públicos, ligada às jocosidades e ao humor, constrói uma certa identidade e uma certa representação do que é ser um bom amigo, um bom vizinho, um bom jogador de futebol. Lidar com estes duelos de palavras, esses jogos constantes entre o que pode ser perguntado e o que pode ser dito, foi me passado aos poucos, e pude perceber alguns destes aspectos somente no período final da etnografia antes deste trabalho.

Assim como o bar do Toninho, outro lugar que se tornou importantíssimo para que eu pudesse participar mais ativamente destas formas de sociabilidades e destas tensões no futebol de várzea foi a sede do Martins de Lima. O caminho em que o leitor se colocará agora será um tanto confuso, mas é preciso lembrar, mais uma vez, que a sede era antes do Guarany, e eu já tinha estado lá uma única vez, antes de começar a freqüentá-la mais constantemente durante sábados e domingos, sem me importar muito com a hora, ou com o tempo na rua.

2.3 A sede do Martins de Lima

A sede do Martins de Lima, diferentemente da idade “oficial” do time, não é nova. Como já citei em um trecho de diário de campo anteriormente, a sede, alugada por Julinho, era usada pelo time do Guarany, antes da cisão e do surgimento do Martins de Lima.

Meu primeiro contato foi quando ainda estava fazendo saídas de campo para acompanhar os jogos do Guarany. Como não podia ser diferente, na minha primeira visita ao local, localizada na ainda desconhecida Rua Martins de Lima, quase esquina com a Primeiro de Março, no bairro mais desconhecido ainda, São José, foi servido um churrasco para comemorar a passagem do Guarany às finais da Liga da Intercep, na condição de primeiro colocado.

Quando chego à sede o movimento é intenso. A cerveja já está sendo servida em muitos copos, e a carne e o carvão chegam aos poucos. “Mala” está arrumando a televisão para o jogo da seleção, que ocorre dentro de alguns minutos. Cumprimento alguns que chegam e outros que já estão sentados ou conversando, e Maninho me apresenta para o presidente do clube, seu João Carlos. Noto uma certa impaciência dele em conversar, e digo que a pesquisa não vai ser feita só hoje, que ele não precisa me contar “tudo” agora, que se ele estiver ocupado podemos conversar outra hora. Ele só balança a cabeça e diz que sim, mas fica parado na entrada da sede. (diário de campo 04/06/06)

O bairro São José possui 2.000 habitantes¹⁸, e faz parte desta região que é o Partenon. Todas suas ruas são bem arborizadas, e o comércio de serviços ditos cotidianos (locadora de DVD, mercearias, estabelecimentos menores) é sempre presente na maioria das vias. A Rua Martins de Lima possui uma leve inclinação, que se acentua quando chega ao pé do morro. Isto é uma característica de quase todas as ruas que ligam a Avenida Bento Gonçalves aos morros que circundam a região do Partenon.

Quem cuidava da sede era Mala, um dos pivôs da briga entre os integrantes do Guarany. Mala ganhava o dinheiro da copa (venda de bebidas), que normalmente não era baixa. Em troca, Mala limpava, organizava, e era o responsável pelas “chaves” da sede, o horário de abertura e de fechamento durante todos os dias.

A sede fica embaixo de um pequeno prédio com dois dormitórios no segundo andar. As duas entradas são protegidas por portas de correr típicas de estabelecimentos comerciais, e possui três espaços bem diferenciados.

O primeiro é a sala da televisão e da mesa de bilhar, onde fica a maioria das mesas de plástico e bancos de uma peça só encostados por toda a parede que cerca metade da mesa de jogo. A TV fica em um canto, do lado do mural, onde estão fotos e detalhes dos próximos jogos, notícias de jornal entre outros.

O segundo espaço é dividido em dois: a copa e a churrasqueira. À esquerda da entrada ficam as três mesas caça-níqueis e à direita, o balcão, onde são servidas as bebidas, de diferentes tipos e preços. Atrás do balcão está a geladeira, e a prateleira de troféus, ainda esperando por muitos outros que virão. O espaço se alarga um pouco mais, e a churrasqueira é o personagem principal

¹⁸ Site: <http://www.observapoa.org.br>

deste subespaço. Do lado dela, não menos importante, mas coadjuvante por estar em um canto, com alguns armários em volta, está a pia, onde são lavados os copos e é preparado o churrasco.

Pela data do trecho acima, pode-se perceber que se passou muito tempo até que eu voltasse para o Murialdo, e visse a pintura dos “110% Político X”, acima da churrasqueira, ser tapada com a pintura “100% Amigos”.

Apesar de já ter conhecido o lugar, não foi fácil voltar a freqüentá-lo. Na minha volta ao Murialdo, a sede já era do Martins de Lima, e demorei um tempo até sentir o mínimo de confiança para com os integrantes do novo time. No entanto, logo na primeira vez que adentrei na sede, fui muito bem recebido. Foi na sede que os laços começaram a se fortalecer, e era ali que tudo acontecia. Para além destas jocosidades do bar do Toninho, ali eram agenciados os dilemas do novo time, e o espaço era quase privatizado, reservado para os integrantes do time, onde podiam discutir e falar de tudo que os atrapalhava em relação aos que estavam de fora.

Aparentemente, quando voltei, o espaço em si não tinha nenhuma diferença muito notável, mas os planos de Julinho e de todo o time, de aumentar a sede e fazer um “Galpão Crioulo” no fundo estava sendo concretizado



Foi Julinho que me mostrou e me contou de todas as reformas previstas, que durante o decorrer do ano foram finalizadas. Neste galpão ao fundo, o terceiro espaço situado por mim, os jogadores se trocavam antes de ir para o jogo e era feita a famosa “preleção”, ou para muitos a “conversa importante antes do jogo”.

Foi nesta sede, que pude passar momentos de alegria e tensão no mesmo dia, como no jogo da final do Murialdo, entre Guarany e Martins de Lima.

Sentindo-me parte desta ansiedade, vivi cada momento do jogo com angústia e desespero, esperando o jogo acabar para ver de perto, o primeiro título da história do Martins de Lima.

Mais um sábado. Mentira é o sábado mais importante da curta trajetória do Martins de Lima. Hoje é o dia da grande final do campeonato livre acima de 35 anos do Murialdo. Hoje, o Martins encontra o "passado" negro, como alguns falam, e disputa o campeonato, coloca em jogo sua honra e sua legitimidade, sua posição de time "grande" e toda sua parte na briga que o separou do Guarany, contra o próprio Guarany. Certamente, um confronto mais esperado que o Brasil enfrentar a Argentina em final de Copa América. Quando chego ao bairro, de ônibus, atrasado, como é de costume, vejo que não há quase nenhum movimento no campo. O jogo que acontece é a disputa de terceiro lugar, e ninguém no bairro parece estar atento a este confronto. O clima em todos os lugares é de ansiedade, de espera, de nervosismo em relação à grande final. (diário de campo dia 21/07/07)

2.4 A grande final, enfim, “somos amigos, e somos vencedores”

Como já comentei antes, o dia da final do campeonato do Murialdo foi para mim um dos momentos mais marcantes do trabalho de campo. Eu já fui a campo, tanto no sentido etnográfico quanto futebolístico, já sabendo da importância deste momento para os integrantes do Martins de Lima. Era o momento para mostrar que havia ali, além da vontade e de um espaço físico, um time capaz de derrotar o passado, superar a ruptura e se firmar como um time “adulto”.

Logo na chegada à sede já fui interceptado por um dos jogadores, Neco, que havia sido expulso do campeonato devido a uma agressão em um jogador do Guarany no segundo jogo entre os dois times, na primeira fase do campeonato. Neco me perguntou como tinham ficado as filmagens do outro jogo, entre os dois times, e perguntou por que não havia levado a câmera neste dia. Expliquei meus motivos, falei do risco de levar sozinho um equipamento daquele porte e da ameaça de chuva, que poderia causar danos ao mesmo. Realizar etnografias na rua, no espaço público, como coloca Gilberto Velho (2004), além de trazer uma complexidade ao pesquisador no trabalho de estranhar o familiar, também impõe certas condições e certos cuidados, devido aos riscos e às condições das

metrópoles brasileiras. A inserção de equipamentos audiovisuais na pesquisa de grupos urbanos também traz consigo condições particulares de pesquisa.

Neco não foi o único a me fazer esta pergunta, mas expliquei ainda que anotaria tudo no meu caderninho, e com certeza isto faria parte da minha pesquisa e do meu futuro Trabalho de Conclusão.

Na sede, a tensão era evidente, e todos comentavam sobre a necessidade de manter a calma. A entrada cobrada para ver o grande clássico era 1 kg de alimento não perecível, que seria doado a uma instituição carente. Na sede, encontro homens que nunca havia visto antes, que tinham vindo somente para dar apoio ao novo time. Além disto, se ouvia de longe os fogos e a batucada promovida pela torcida do Guarany no campo, e isto contribuía para que o clima tomasse ares épicos.

Neste momento, todos sabiam para quem eu torcia, e qual era minha posição em campo (etnograficamente falando). Todos me perguntavam como ia a pesquisa, e ressaltavam a importância deste dia para que eu entendesse tudo que tinha acontecido com os dois times. Julinho, em mais de um momento, me explicou que eu veria ali no campo o trabalho de um ano inteiro, disputado em apenas um jogo.

Dentro do campo, o Martins começa a crescer aos poucos, assim como em sua pequena trajetória na várzea, com seu uniforme amarelo e azul. O jogo sem policiamento é uma preocupação evidente nos comentários de alguns expectadores, e a chuva, que começa pouco depois da bola rolar, dá um tom ainda mais dramático para o jogo. O Martins de Lima, devido à melhor campanha, joga pelo empate, mas ninguém quer só empatar. A vitória, além de mostrar quem é o melhor time, significa para o Guarany, logicamente, a derrota, e uma derrota para um time novo, que poucos no time de vermelho acreditavam que daria certo.

O gol de Denílson, outro jogador do Flaminguinho que joga no Martins, confirma o favoritismo. A comemoração é coletiva. Todos torcedores do Martins de Lima, inclusive eu, entram em campo no momento do gol para abraçar o jogador que fez as redes balançarem ou algum outro jogador que estava mais próximo.

O segundo tempo, com mais chuva ainda, é mais tenso. O Martins de Lima perde muitos gols, mas Julinho não pára de gritar e reclamar do juiz. O Guarany parece que aceitou a derrota, e não aparentava forças para alguma reação.

Vou para perto das árvores, cumprimentar Julinho, e me proteger da chuva que vem por aí. Alguns perguntam o porquê do caderninho na mão, e Julinho explica por mim.

O segundo tempo é insuportável, "teste pra cardíaco" e Julinho não para de pular e gritar, urrar, comemorando a possível vitória. O empate também dá o título ao Martins, mas se fosse pra escolher, o melhor resultado seria uma vitória de 5 a 0. O Guarany não assusta, não faz nada, está cada vez mais nervoso e reclamando do juiz, enquanto Nenê e Zurra não param de perder gol na frente. Milhões de vezes tive que conter o pulo e o grito, bola na trave, pra fora, defesa do goleiro, etc. (trecho de diário de campo dia 21/07/07).

O jogo termina, e assim como no gol, todos entram em campo para comemorar. O time do Guarany, assim como sua numerosa torcida, sai desolado, não querendo acreditar na derrota. Na entrega de medalhas, todos se cumprimentam, e não há indícios de briga ou desentendimento entre os times.

A comemoração do título, como não poderia ser diferente, foi na sede. Churrasco, pagode e cerveja, jogadores e amigos se abraçando, comentários de lances do jogo, felicidade e até algumas lágrimas.

Seu João Carlos, quando veio conversar comigo, não conseguiu conter a emoção e falou que eu tinha presenciado a vitória de um time de amigos, de um time de pessoas que está há anos lutando para fazer um time de futebol respeitado no Murialdo, e que merecem. Seu João Carlos ressalta que alguns destes jogadores já são mais de três vezes campeões em outros times e lugares, mas deste primeiro título com o Martins, ninguém vai esquecer.

Eu me sinto parte desta história, desta pequena trajetória. O momento mais marcante, para mim, foi quando Julinho veio em minha direção e me colocou uma medalha no peito, dizendo: "toma Rafa, isso aqui é de um pessoal que gosta muito de ti". O gesto foi um gol de placa, a certeza de que eu estava ali, fazendo parte desta história e que era mais um integrante do Martins de Lima.

Portanto, foi através destas formas de interação, na maneira em que estes homens se colocam diante de mim, da câmera e do meu bloquinho de anotações, que pude entender um pouco do que significa a várzea para seus praticantes e expectadores. Durante o trabalho de campo, fui levado, por Julinho, a outros

espaços de sociabilidade e encontro entre homens. Sempre freqüentei a sede do clube, desde o tempo em que ela ainda pertencia ao Guarany, mas há no bairro outros espaços de sociabilidade, onde estas diferentes formas de sociabilidade são agenciadas. No momento em que era participante nestes diferentes espaços, tinha que reafirmar minha posição de pesquisador, para não cair no outro extremo, onde era somente mais um homem e amigo compartilhando idéias e piadas sobre futebol e outros assuntos.

No próximo capítulo, tentarei levantar pequenos pontos de discussão teórica para entender o que significa esta sociabilidade da várzea, a sociabilidade das ruas e dos bares, dos campos, sempre permeadas por elementos como a masculinidade e a virilidade, o conflito, a sabedoria para lidar com eles, enfim, tudo que foi pincelado nestes relatos etnográficos anteriores.

3 “O VARZEANO É AQUELE CARA QUE...”

É importantíssimo, ao se falar de usos e formas de sociabilidade do espaço público, entender antes o que permeia as idéias de individualismo na sociedade moderna, segundo alguns autores, norteadores deste trabalho.

Como já foi citado anteriormente, é preciso deixar claro a idéia de que as cidades moderno contemporâneas, seguindo as teorias propostas por Gilberto Velho, são lugares que abrigam uma heterogeneidade de código de emoções e comunidades de sentidos¹⁹.

Estas questões são levantadas exatamente por estes fenômenos estarem situados dentro da cidade. Tentando fazer entender um argumento mais voltado a pensar as imagens da vida social, é fundamental entender esta micro-sociologia da forma²⁰. Conforme George Simmel (1983), as diversas maneiras de se relacionar no meio urbano criam diferentes formas de sociabilidade. A perspectiva fenomenológica do autor privilegia a reflexão sobre diferentes aspectos cotidianos e intensos do viver urbano. Em um de seus ensaios, a idéia defendida é de que uma sociologia, no sentido estrito do termo, só conseguiria dar conta dos processos sociais que ocorrem no mundo contemporâneo se levasse em conta as formas da vida social, onde o conteúdo estaria sendo expresso e manipulado. Neste sentido, sobre as formas de sociabilidade, o autor defende que é na união de indivíduos que se pode perceber a autonomia e a forma lúdica da sociabilidade cotidiana:

“Essa reviravolta completa – da determinação das formas pela matéria da vida à determinação de sua matéria pelas formas, que se tornaram valores supremos – talvez esteja funcionando plenamente nos numerosos fenômenos que reunimos sob a categoria de jogo. As forças reais, as necessidades e os impulsos de vida produzem as formas de comportamento adequadas ao jogo”. (SIMMEL: 1983, pp. 167)

¹⁹ VELHO (2004)

²⁰ MAFFESOLI (1987) / (1996)

Para o autor, o jogo é tomado como a forma lúdica de associação, onde valores construídos e manipulados próprios para estes encontros são estabelecidos e negociados.

Portanto, olhar para a cidade e seus atores sociais, a partir de suas sociabilidades, é olhar para as formas, e ver nestas a potência da matéria que está sendo expressa.

Muito inspirado por esta “sociologia formalista” de Simmel, Gilberto Velho (2004), toma as sociedades complexas como aquelas que, devido à influência da Industrialização, construíram uma divisão social do trabalho bem delineada, globalizaram as relações de mercado e impulsionaram o crescimento das cidades. Esse crescimento da cidade criou uma multiplicidade de tradições e uma heterogeneidade de indivíduos, capazes de circularem dentro de algumas destas diferentes redes de significados, assim como uma fragmentação de símbolos. Seguindo uma linha fenomenológica inspirada em Schultz²¹, o autor se pergunta como podemos perceber nas interações cotidianas uma construção de símbolos utilizados e sociabilizados por todos os indivíduos. Essas escalas de valores e emoções não são somente resultado de uma estrutura social, mas também consequência de uma interação e comunicação altamente heterogênea, característica de uma sociedade complexa. A questão levantada é saber que valores simbólicos estão associados a esta mobilidade social, quais as motivações que estão em jogo na vida dos atores sociais²².

Estas motivações, - no caso da várzea o jogo, - não seriam somente o jogo lúdico, que representaria um “faz-de-conta” da vida real, como aponta Huizinga (1971). Segundo este autor, um dos primeiros a ver no jogo um elemento fundamental da cultura, o jogo envolve em si uma totalidade. No entanto, sua análise fica muito enfraquecida no momento em que o jogo é visto somente como atividade lúdica oposta à seriedade, não desempenhando uma função moral, mas

²¹ Repetidas vezes, em seus artigos, Gilberto Velho refere-se a esta influência e os problemas levantados pela fenomenologia em sua obra.

²² Para Gilberto Velho seriam as expressões, ao nível individual, das representações coletivas. No caso do estudo sobre os moradores de Copacabana, as motivações se davam em torno de uma busca do melhor dos mundos, frase muito utilizada em uma de suas entrevistas.

sim uma evasão da vida real. O jogo em questão, o conflito aqui colocado neste trabalho é o da memória, o de viver esta múltipla cidade.

O que estas sociabilidades do futebol de várzea apontam é para esta efemeridade, este encontro semanal, que se reforça, através destes códigos diferentes que são compartilhados. Pensar estas agregações é pensar como estes indivíduos se colocam diante dos outros, como compartilham memórias e um *ethos*, uma forma própria de viver a cidade, de criar estratégias e táticas para isto.

Maffesoli (1996), ao falar das formas de agregação da vida social, atenta para uma ética fundada em uma estética, onde a tônica das relações e das uniões estaria na superfície das coisas, na efervescência, animado pelo que é intrínseco, vivido no dia-a-dia. Assim, ao contrário de Sennet (1988), defensor de que as formas de associação pública da modernidade estariam em extinção, dando cada vez mais espaço ao privado, ao plano do indivíduo, Maffesoli argumenta que a estética teria a função de ressaltar a eficácia das formas de simpatia e seu papel de laço social. A socialidade, a teatralidade cotidiana insere na vida pública uma outra sacralidade, a das tribos, onde a tônica estaria na superfície e no presente. A barroquização do mundo, como defende o autor, é o reflexo da vida nas cidades,

"(...) feita de um conjunto de elementos totalmente diversos que estabelecem entre si interações constantes feitas e agressividade ou de amabilidade, de amor ou de ódio, mas que não deixa de construir uma solidariedade específica que é preciso levar em conta" (MAFFESOLI, 1996: pp. 15-16).



No futebol de várzea, além de um *ethos* que permeia as ações dos indivíduos, há uma estética que também funda esta ética. Uma maneira de se portar, um modo de falar, de vestir, e que também se reflete no jogo, como já foi citado pela

análise de Arlei Damo através das matrizes futebolísticas.

Esta postura de estar na rua é algo já analisado anteriormente por outros autores, que apontam estes lugares de sociabilidade como próprios da sociabilidade masculina. Na várzea, além do próprio campo, há bares ao redor. No Murialdo, como já foi salientado, além do bar do Toninho, há a sede do clube, onde estes homens se encontram para conversar e reforçar estes laços de sociabilidade.

Áries e Perrot (1989-1995), nos explicam que a cidade moderna além de separar muito bem o público do privado oferece também espaços onde estes dois pólos se juntam e permitem que hajam lugares, primordialmente ocupados por homens, onde se pode discutir política, arte, e também o cotidiano. Os campos de várzea não deixam de ser um espaço com este, próprio da cidade moderna, onde homens se encontravam nos lugares públicos para conversarem. Os espaços mais situados seriam os cafés, que Áries e Perrot colocam como os centros da efervescência masculina da cidade. Os personagens seriam principalmente os boêmios, letrados, burgueses e *dândis*, sendo estes últimos um equilíbrio entre a desafeição pelas regras sociais e apego pelo bem cuidar da beleza.

As conversas nos campos não são sustentadas por *dândis*, ou intelectuais, mas homens que compartilham, no mínimo, o gosto pelo futebol. Olhando para um trecho do livro “A história dos Grenais”, podemos perceber que o futebol também é assunto político, que sempre traz à tona outros assuntos do contexto social em que se insere, e envolve outras esferas da vida cotidiana. As conversas nos bares do Murialdo também lidam com relações políticas, códigos de amizade, vizinhança, entre outros.

“O futebol, portanto, deixou de ser a distração de alguns rapazes da elite e transformou-se em espetáculo. Com mais de 130 mil habitantes, Porto Alegre, era uma capital repleta de boas opções. A sensação eram os *cinematographos*. Em 23 de junho de 1912, dia do Grenal número quatro, o Cinema Odeon exibiu uma programação dividida em quatro partes, a começar pelo *Gaumont Jornal*, com notícias do mundo, principalmente de Paris. Em seguida, Dor de Chopin – “sentimental film dramático, phantastico, com 460 metros de extensão”. Na seqüência, Sonoras... Bofetadas – “hilariante film comico, com Procópio (o gordo)”, e por fim, Amor Sereia – “mimosa scena mythologica de interessante enredo e impecavel desempenho (...)

(...) Inúmeros porto alegrenses saíram de casa para ir à matinée daquele domingo, às 15h, ou para assistir o Grenal, na Baixada, meia hora depois. “É que apesar de junho estar nos seus últimos dias, os gaúchos foram brindados por um agradável veranico fora de época, com a temperatura oscilando languidamente entre os 19 e 20°C.” (COIMBRA: 1994, p. 17-18)

Além disto, o lugar, como um espaço de convivência é fundamental para entender esta dinâmica da sociabilidade de rua. Como já foi citado, há uma distinção, no futebol de várzea, entre o guri de rua e o guri de apartamento. Como aponta Damo (2005), há categorias para se definir quem é da rua e quem é do apartamento da casa. Utilizando-se de Guedes (1997) e outros autores, o argumento do autor é que na rua os modelos de masculinidade convencionais entre os grupos populares estariam ligados à lealdade, honra, heterossexualidade, virilidade, valentia e uso da força física. A definição “guri de rua” e “guri de apartamento” é naturalmente utilizada para definir esta distinção, onde o homem ideal para jogar na várzea tem que aliar a técnica à masculinidade e saber lidar com situações adversas, sem “pipocar”, sendo os campos, situados na maioria das vezes em lugares periféricos, o palco desta vivência cotidiana, o lugar onde as estratégias são re-arranjadas e re-modeladas de acordo com a necessidade cotidiana.

Em alguns momentos da etnografia, a questão de saber lidar com esta “dureza” e “virilidade” necessárias para se jogar na várzea eram evidentes:

O centro das conversas é a final da Copa Paquetá, onde o Flamengo foi roubado. Pergunto a um homem que está no meio da conversa, e ele conta que o jogo foi 1 x 1 e que o Flamengo perdeu nos pênaltis, mas o juiz roubou, porque o adversário era o Academia do Morro. Este time, o Academia do Morro, é conhecido por todos como um bom time, mas também tem a fama de pressionar muito os juizes e é dono de uma gama de "mitos" sobre violência e brigas na várzea. Eu já havia ouvido falar deste time. Muitos contam que o patrão da Vila Maria da Conceição é que patrocina o time, e que ele costuma pressionar e intimidar a prefeitura, disputando força com os políticos. Esse caso é extremamente interessante. Enquanto alguns times do Murialdo aceitam e fazem questão do dinheiro dos políticos, outros aceitam o dinheiro do tráfico.

*
* *

Outros que chegam é Tileco e um jogador do Guarany do qual não sei o nome. Ele estava na minha outra saída, no dia do clássico, e foi dele que ouvi a história do traficante preso, mas não consigo lembrar seu nome.

Eles todos comentam da virilidade do futebol de várzea, de que no Murialdo é preciso mais pegada do que técnica, e ainda reclamam do jogo de ontem, da Paquetá. Eles ainda aproveitam e comentam sobre a falta de experiência e os erros gritantes dos juizes, dizendo que hoje em dia "os juizes estão muito fraquinhos". (diário de campo dia 27/05/08)

Ao pensar de maneira mais ampla, as pistas deixadas por DaMatta (1991), sobre a distinção entre casa e rua, porém, não seriam suficientes para entender este contraponto. Pensar as ruas do Murialdo, e mais que isso, nos usos e nas formas de sociabilidade que se dão numa circularidade, pela idéia proposta por Mayol (1996), aparenta ser interessante neste momento.

O ponto de partida seria aqui a noção articulada por Henri Lefebvre, onde o autor coloca o bairro como "porta de entrada e saída entre espaços qualificados e o espaço quantificado" (pp.41). O bairro insere na relação de tempo/espaço como o mais favorável para o indivíduo que deseja deslocar-se a pé, saindo de sua casa. De forma mais geral, o bairro, para os indivíduos que nele habitam, seria uma privatização progressiva e dinâmica do espaço público, poetizado pelas caminhadas, trajetórias cotidianas e relações de vizinhança. Neste ponto, a idéia de conveniência torna-se fundamental para se entender estas relações no futebol de várzea. Articulando a organização da vida cotidiana sobre dois aspectos – os comportamentos públicos e os benefícios simbólicos que se obtém neste espaço – a conveniência seria a contribuição de cada indivíduo para a vida coletiva.

Além disto, é preciso salientar que viver este bairro é algo que só pode ser expresso através da memória e da narrativa destes homens. Nota-se sempre, em diferentes conversas, que fazer parte desta cidade e saber vivê-la é fundamental para ser reconhecido como parte integrante deste "mundo" da várzea. Este

mundo, que tem como palco os campos e as praças porto-alegrenses, é um lugar de memória, com aponto Jacques LeGoff (2000). Propondo uma nova história, o autor defende que para se estudar esta memória vivida em tempos múltiplos, é preciso estudar os lugares em que esta ação coletiva se enraíza. Os lugares, neste sentido, não são somente monumentos, bibliotecas ou museus, mas lugares simbólicos, como comemorações, celebrações, situações e outras ações coletivas. É nestas ações e lugares que o indivíduo se enraíza no social e no coletivo, e é neste palco, nestes campos, que a memória pode ser agenciada e sociabilizada.

LOPO: E como o senhor acha assim, como é que é essa relação de ser do lugar mesmo? Porque eu vejo que é o da Glória, é o do Murialdo, tem uma coisa assim que segura o time.

Não não, tem, é claro, isso aí até a convivência do bairro. O bairro é que te determina. Porque se eu morasse na Glória, claro que eu nunca ia morar lá, que eu não gosto daquela região, (risos). É a mesma coisa que morar lá em Teresópolis também, naquela região também não tem nada pra se fazer futebol; tinha, e hoje não tem mais, hoje não tem. Hoje criaram o Nonoai mas só pra baile, salão de festas e concurso de beleza e de Miss, essa coisa toda, e outra coisa não tem. E lá no Cristal né, que é um bairro mais distante, lá tem como fazer futebol porque tem bastante time de futebol lá.

LOPO: O senhor só se imaginaria jogando em outro lugar, morando em outro lugar se tivesse futebol então?

Eu acho que não, não. Eu fugiria totalmente, eu não gostaria. Não gostaria mesmo, de morar em outro bairro e me dedicar a futebol, não mesmo.

DEVOS: Já faz parte do senhor aqui então.

Já, já faz parte da minha família aqui essa zona aqui, essa região. EU saí da Azenha né tche, saí da Azenha, que na época lá tinha futebol bastante. Eu sair de uma região que tinha futebol, pra voltar pra uma que não tenha futebol... Eu voltei pra ca pra...
(transcrição de entrevista realizada na sede do Marins de Lima, dia 02/06/2007)

Além de estarem situados e darem forma a este "lugar e memória", estes jogadores estão a todo o momento reafirmando seu espaço no interior do grupo e dentro de uma memória coletiva através de suas narrativas, e é através desta narrativa que estes atores dão sentido às suas experiências cotidianas na cidade.

Seguindo os argumentos de Eckert e Rocha (2005), o "tempo social" é o produto da consolidação deste tempo através de uma comunidade, "fruto de uma hierarquização de uma séria de instantes e de rupturas de trajetórias vividas"

(2005: pp. 90). Há além da grande influência bachelardiana da duração, o princípio de pensar as narrativas sob o olhar de Paul Ricoeur (1994). O filósofo francês afirma que o ato de narrar é que dá sentido ao caráter temporal da experiência humana.

(...)o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição de existência temporal...(1994: pp.85)

Sempre tendo cuidado com o termo "sentido pleno" da narrativa, podemos considerar a obra de Ricoeur importantíssima para os estudos sobre narrativa e rememoração. Tendo como base a releitura descrita por Eckert e Rocha (2000) a partir de Durand e Bachelard, *A inteligência narrativa* proposta por Ricoeur é tornado "humano" porque acomoda as lacunas e ondulações do tempo, impensáveis para o pensamento racional pós-Iluminismo. O ato de narrar envolve, além da simples rememoração do passado, outras diferentes etapas, em que o pensamento organiza o presente e dá sentido a uma série de acontecimentos, e dá à união de diferentes acontecimentos, um tema, uma história, um argumento. Segundo Paul Ricoeur estas três etapas, denominadas de Mimese I, II e III. A mimese primeira, da pré-figuração do tempo, exige do narrador a pré-compreensão do mundo e da ação, suas estruturas inteligíveis, as suas fontes simbólicas e seu caráter temporal. A segunda mimese, do tempo figurado, configura a narrativa através do agenciamento dos fatos e através da poética, coloca os fatos em uma história de ordem cronológica através de episódios dispostos em um certo sentido. A terceira e última mimese, do tempo re-figurado, que conclui o processo cíclico de compreender este tempo humanizado.

Devos (2007), ao falar do uso de imagens e construção de narrativas visuais, mostra que estas diferentes Mimeses seriam planos diferentes, onde o narrador conta suas histórias sobre uma articulação de pensamentos e idéias. Mais uma vez, para entender a relação deste trabalho com imagens e as narrativas colocadas em diferentes fontes e formas visuais, é preciso atentar para a tentativa, inspirada no mesmo autor citado acima, de mostrar que a edição de um vídeo, som, foto ou texto na página da folha, pode evocar uma convergência

de imagens que não podem ser aludidas apenas através de uma imagem, mas em uma seqüência de imagens. A questão de evocar esta relação entre tempo e espaço para as imagens trazidas pelos narradores e o ambiente é o grande desafio proposto nestas crônicas trazidas no decorrer do trabalho.

Portanto, no próximo capítulo, através de narrativas de cronistas, dados de campo e entrevistas realizadas durante a etnografia, lançarei a pergunta: “A várzea pode ter fim?”. A tentativa é de analisar alguns casos onde este “fim da várzea” se apresenta como algo que pode realmente acontecer. Acima de tudo, ao falar deste fim que aparentemente nunca ocorre, poderei lançar idéias mais claras sobre a noção de conflito, e deixar mais aparente para o leitor como estes homens lidam com estes diferentes momentos de ruptura e cisão.

4 PARA ONDE VAI O FIM DA VÁRZEA?

Como já foi explicitada anteriormente, a grande indagação, a pergunta que motivou o começo desta pesquisa era saber se é possível que a várzea tenha um fim. Neste longo processo de etnografar estas diferentes formas de interação e as diferentes características que a várzea possui, pude perceber que havia, em alguns momentos, seja no campo, no bar, ou nas narrativas destes homens, uma idéia de que a pior coisa que poderia acontecer seria exatamente o fim da várzea. Tento aqui, neste capítulo, relatar casos aonde este fim chega a ser um risco, casos onde o fim, o término, parece evidente, mas sempre acaba sendo afastado, em um movimento cíclico de renovação e renascimento.

A noção de conflito, proposta por Simmel, é fundante de relações sociais, é envolvente, provoca a troca de valores, idéias, o fim de grupos e o surgimento de novos grupos sociais. Simmel, em seu artigo intitulado “*Conflito e estrutura do grupo*” (Simmel: 1983), aponta o conflito como relevante não só para o aspecto de um grupo, mas também levanta questões sobre a experiência cotidiana que

“mostra quão facilmente um conflito entre dois indivíduos transforma cada um deles, não apenas em sua relação um com outro, mas também consigo mesmo” (p. 150)

Segundo o autor, é no conflito que o comportamento de um grupo torna-se basicamente centralizado em um só objetivo. Usando exemplos históricos, Simmel aponta que no conflito algumas indiferenças entre grupos podem ser esquecidas em torno de um objetivo comum, e outras, até em sentido benéfico, podem ser ressaltadas, afim da superação de um conflito. Na situação de um conflito, os membros de um grupo podem ser aproximados tão estreitamente e sujeitados a impulsos tão uniforme que eles precisam concordar ou se repelir completamente.

Assim pensa também Gilberto Velho (2004), onde a dinâmica cultural da cidade, a diversidade de universos simbólicos, só existe porque há uma dimensão conflitiva da vida social, que gera contrastes, diferenças, fronteiras, limites. Portanto, é pensando nestes conflitos, já esboçados anteriormente nos primeiros

dois capítulos, que descrevo aqui, através de diferentes fontes, momentos em que o fim torna-se um elemento destas relações

4.1 Brigas dentro de campo

Como afirma seu João Carlos, as brigas em campo são a representação do que é o fim da várzea. Mesmo pensando nestas noções de virilidade e hombridade colocadas em diversos momentos do jogo e como fundamentais para um certo *ethos* de jogador de várzea, a briga, como elemento do jogo, não é muito bem vista pela maioria dos senhores mais velhos que freqüentam a várzea.

E hoje não, hoje tu participa desse campeonato aí, é nada vezes nada, só pelo prazer de jogar. Uma equipe contra e ta. Como diz na gíria, isso aí hoje é uma guerra. Não, não tem guerra, mas é um jogo em si que tem que jogar, qualquer jogo é jogo.

No sábado passado tu viu aquele jogo não? Contra o Chapadão ali, o que parecia aquilo? Mais parecia uma pelada daquelas mais horríveis do mundo. Os cara entrando no campo, dizendo desaforo um pro outro e gritando, o Zeca fazendo uma baita de uma palhaçada, e não se pode falar nada porque depois eles brigam com a gente. Então, eu até saí fora, tu viu que eu saí fora, saí fora porque não dá pra ficar lá dentro. E eu não gostei daquilo. Chegou aqui eu falei pra eles: vocês não tem que pensar em brigar, vocês têm que pensar em jogar bola, vocês entram lá pra jogar bola, não pra brigar. Então é isso aí que eu falo aqui da várzea, aqui no Murialdo é isso aí que tu vai ter sempre.

*

* *

Ah já, já teve piores. Já teve momentos piores, teve muitos momentos piores. E na época que tinha que chamar a polícia civil ou a polícia militar pra entrar aí pra dentro. Era difícil, era bom fazer futebol, mas também era difícil. E quando na época se encontrava Real Madri, Guarany, ou Vila Vargas e Guarany, né, Santos e Guarany, era guerra, era guerra mesmo, era guerra, era guerra, era guerra de.. Guarany e Murialdo Clube dos Pais. Uma vez, não tinha vaga pra disputar o final do campeonato aqui, fomos disputar no campo dos 18 RI que ainda existia.

LOPO: Onde?

No campo dos 18 Ri aqui embaixo. Aqui que era o quartel, e o campo tinha, tinha um campo lá enorme sabe, tinha um campo enorme. Então o exército cedia para jogar bola. Mas teve uma ocasião que jogou Murialdo e Clube dos Pais, o pau foi tanto, que veio acabar aqui em cima, a briga.

LOPO: Sério?

Foi, acabou aqui em cima aqui no Murialdo. Os cara vieram brigando desde lá, desde lá de dentro quartel. E depois o homem fechou, o coronel fechou os portões, e não abriu mais pra ter jogo nenhum lá dentro. Mas foi briga horrorosa, briga horrorosa naquela época. (trecho de transcrição de uma entrevista realizada no dia 02/06/2007)

Em diversos momentos ouvi alguns senhores falando das palhaçadas que eram as brigas dentro de campo. O conflito está a todos os momentos aparente, mas mesmo assim não é preciso passar por ele para saber que a experiência, apesar de ser uma ruptura, e uma chance de re-começo, nem sempre é agradável e se dá de maneira fácil.

O relato de seu João Carlos parece colocar este momento atual do futebol de várzea na cidade como algo mais civilizado, algo aparentemente melhor organizado e feito para quem quer mesmo jogar futebol.

Seguindo as linhas escritas por DAMO (2007), e olhando o regulamento do campeonato de futebol amador do ano de 2008²³, o processo civilizador é um elemento presente nas políticas de lazer do município, desde a primeira gestão do prefeito Tarso Genro. Grande parte desta iniciativa tem como base tornar os parques e estes espaços públicos lugares mais “agradáveis” em dias de jogos. Apesar dos esforços feitos pela Prefeitura de punir os jogadores que se envolvem em brigas, é recorrente saber de histórias e brigas que ocorreram dentro de campo, grande parte delas tendo como envolvido os juízes, sempre responsáveis em manter a “ordem” e as “regras” propostas para o bom andamento do jogo.

O autor coloca também relatos de discussões, em reuniões e palestras organizadas pela Prefeitura, sobre a idéia já citada aqui de “guri de rua” e “guri de apartamento”. Segundo o Damo, esta atribuição da virilidade, como parte fundamental para ser um bom jogador de futebol de várzea, ainda é um *habitus* da rua bastante disseminado.

Outro ponto levantado pelo autor é que as disputas entre times de comunidades diferentes, que já têm alguma divergência, trazem à tona outras pendengas, fortalecendo a idéia salientada aqui de que o conflito pode acentuar e arraigar laços e também diferenças normalmente esquecidas ou colocadas em segundo plano.

²³ http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/sme/usu_doc/regulamento_do_municipal_2008.pdf

4.2 Diminuição dos campos, e fim dos times

Um dos riscos que atualmente sofre o futebol de várzea e aparenta contribuir para um possível “fim”, é a diminuição dos espaços de jogo, ou então o mau uso destes espaços, seja pela Prefeitura ou pelos frequentadores. Guedes (1998) ressalta, como já foi dito aqui anteriormente, que o espaço de jogo, e mais que isso, o uso e uma identificação dos times para com este espaço é fundamental para que estas redes de sociabilidade masculina continuem a existir.

O campo do Murialdo, como me contam alguns informantes, já teve suas medidas diminuídas mais de uma vez, e o próprio bairro da Intercap possui mais de 10 praças, onde grande parte é inutilizada para qualquer tipo de lazer. O relato mais evidente de seu João Carlos é sobre a Azenha, anteriormente, e sobre o time do hospital São Pedro, que acabou junto com o campo onde disputava suas partidas:

Não, não. Eu parei com o futebol com 37 anos, 37 anos. Não quis mais jogar, parei. Parei de jogar bola. Joguei contra o Grêmio aqui, nós tínhamos um time ali dentro do hospital São Pedro, que chamava São Pedro o nome do time. Não tinha loco jogando (risos de todos). Era normal, não, não tinha loco jogando. A gente jogou os campeonatos aí. Na ocasião foi feito um jogo, dos veterano do Grêmio na época, contra o time do São Pedro que foi campeão na ocasião. Então ali a gente jogou, e acabou. E depois terminou isso aí né. Depois começou a parte do sindicato dos médicos comprou uma parte onde tem hoje o, ali, né, fizeram a sede dos médicos do Rio Grande do Sul, então terminou o time do São Pedro, terminou. (trecho de entrevista transcrita, realizada no dia 02/06/2007)

Tanto seu João Carlos quanto Joãozinho, senhores da mesma idade, relatam que o “campeonato de 30”, que ocorreu há cerca de vinte anos, foi o melhor de todos os que já se viu no Murialdo. Segundo seu Joãozinho, o campeonato era bem mais organizado, os times eram em maior número, os jogadores melhores e mais preparados.

Este é outro ponto que está intrinsecamente ligado à diminuição destes espaços: a também diminuição dos times de futebol seja da várzea ou do futebol profissional. Para mim, neste momento, é difícil colocar alguma hierarquia entre esses dois aspectos, e acredito que isto talvez nunca se torne uma tarefa fácil. A ligação de um espaço, a sua capacidade de duração, parece estar dialeticamente

ligada ao uso que se faz dele, e da maneira que ele fisicamente sobrevive ao passar do tempo.

Assim como os times, os campos de futebol profissional vêm se transformando, e desde a década de 50, como podemos ver nas páginas da *Revista do Globo*, os times que não se profissionalizam ou não conseguem sustentar um espaço para a prática do futebol, também somem.

Em Pôrto Alegre, a engrenagem profissional do futebol destruiu o Fôrca e Luz, o Nacional, o Renner, e, recentemente, andou rondando a porta do Cruzeiro – retirado da tenda de oxigênio pela inteligência e dinamismo de Antônio Pinheiro Machado Netto, o presidente. E o mesmo acontece no interior, só que sem o destaque, e por isso sem a dramaticidade que a imprensa dá a estas mortes, no geral, enterros paupérrimos”

(Ruy Carlos Osterman, Revista do Globo nº 795, dia 27/05/1961)

Quem não tem condições para se manter, morre. Clubes que nada representam, que não espelham contingente popular algum, falecem, asfixiados pela nova ordem e novo estado de coisas. Quem lucra é o desportista. Aquele que busca emoções honestas nos espetáculos futebolísticos...

...É verdade que a inflação matou o Nacional, e que o Renner, por motivos outros, também teve de retirar do certame. Mas, de qualquer forma, o impulso “de baixo para cima” que recebem os clubes, que se vêm compelidos a lutar pela sobrevivência e permanência entre o grupo de elite, é algo emocionante...

(Walter Galvani, Revista do Globo nº 784, dia 06/01/61)

O Cruzeiro, primeiro time gaúcho a fazer excursão pela Europa, ainda tenta se manter nas categorias de base e na segunda divisão do futebol gaúcho, e seu campo foi o palco da final do Campeonato de Futebol Amador de 2007. O Renner, conhecido como o time do quarto distrito e fez parte da vida esportiva da primeira metade do século passado no Rio Grande do Sul, quando teve que decretar seu fim preocupou políticos e outros torcedores ilustres:

A Maior “bomba” esportiva dos últimos anos estourou nos primeiros dias de março: Iria fechar o G. E. Renner.

E dias após a confirmação inexorável foi dada pelo patrono e financiador do regularíssimo clube do 4º Distrito, o Sr. A. J. Renner. Estava, portanto selada a sorte da mais curta glória do futebol gaúcho, o Grêmio Esportivo Renner.

O assunto dói manchete de jornais, revistas e rádios. Surgiram explicações em todos os modos possíveis, umas descontraídas, outras coerentes, os clubes co-irmãos movimentaram-se em seguida, pois no Estádio Tiradentes havia uma mina de bons jogadores. E até na Assembléia Legislativa o caso foi debatido. Um deputado encerrou seu vibrante discurso com essas palavras: “... não se permita que tal ocorra, porque não é lícito a ninguém assassinar simpatia, carinho e amor” (revista do Globo nº 739 – 17/04/1959)

O final do Renner também é citado por Seu João Carlos, lembrando dos jogadores e de sua relação com o futebol profissional:

Não, futebol profissional, eu fui muitas vezes, naquela época existiam os aspirantes de Inter e Grêmio. Então eu assistia muito. Eu ia a campo de futebol, depois eu não fui mais. Tive o prazer de ver os aspirantes do Internacional jogar, do Grêmio jogar. O Força e Luz na época, o Força e Luz não existe mais. São times que hoje vegetam né, o Força e Luz existe, mas só no nome, só existe pelo nome.

O senhor chegou a ir naquele campo ali então:

Cheguei, foi ali que o Aírton começou a surgir pela bola né. O Aírton Ferreira da Silva.

O Renner o senhor chegou a ver jogar também?

Não, o Renner eu vi jogar. Foi campeão em 1954. É, o time do quarto distrito. Ali depois que foi campeão se difundiu né, acabou por causa das lojas Renner, também não ia patrocinar mais, e aí ficou o que está hoje, uma comandita de ações que não tem como, tudo, tudo feito como, eu digo assim, é, tipo Carrefour assim. (trecho de entrevista transcrita, realizada dia 02/06/2007)

Esta profissionalização do futebol acabou por distanciá-lo cada vez mais da várzea, de onde sempre se teve a idéia de que é na rua que os valores e as habilidades mais fundamentais para um bom jogador de futebol eram formados e passados aos futuros craques.

O terceiro e último caso é talvez o mais complexo e interessante de ser analisado, que é a ruptura, cisão dos times e formação de novas equipes e novas agregações, muitas vezes por questões pessoais.

4.3 Os conflitos fora de campo, exacerbando as diferenças pessoais

Dentro de minha trajetória no futebol de várzea, nesta condição de pesquisador, o que mais me chamou a atenção foi o surgimento do Martins de Lima. Primeiro porque sempre tive a idéia de que os times conseguissem resistir ao tempo e conservar uma “tradição” de futebol jogado na rua. No entanto, o que mais pude presenciar nos campos, foi a lembrança e estórias de times que não existem mais, times novos que surgem, e times que segundo seu João Carlos, só “vegetam” no meio dos outros.

O exemplo mais forte disto foi presenciar o surgimento do Martins de Lima. Segundo alguns relatos já esboçados anteriormente neste trabalho, uma briga pessoal, entre o filho do presidente do Guarany e o homem que cuidava da sede, onde também se envolveram outros atores, como Getúlio, o presidente do Guarany, exacerbou uma série de pendengas e conflito de idéias que existiam

dentro do grupo, mas que sempre foram deixadas em segundo plano, para o bem coletivo.

Foi a partir de um ponto crítico, que culminou em um conflito físico num espaço de agregação e sociabilidades, que as diferenças apareceram e a ruptura se deu. Neste sentido, outros atores, que não se envolviam nestas pequenas diferenças, tiveram que tomar parte ou abandonar a “luta” depois que o conflito foi trazido ao primeiro plano. Seu João Carlos, no começo, nunca me deixou claro se estava deixando de lado seu envolvimento com o novo time, ou se estava participando ativamente deste novo desafio. Talvez o tempo de interação, a confiança demonstrada mutuamente, ou até mesmo uma escolha pessoal que era realmente difícil, tomada posteriormente, pode me deixar mais clara, pouco tempo depois, de que lado seu João Carlos havia se colocado.

Além de Julinho, que tomou a frente da situação, e organizou grande parte do surgimento do Martins de Lima, outro ator importante neste caso é Joãozinho, o pai de Julinho. Joãozinho sempre foi amigo de infância de Getúlio, e agora se via como expectador de um conflito que envolvia seu filho, e seu antigo amigo de infância. Neste caso, este senhor, que tinha laços familiares com uma parte do conflito e laços geracionais com outra, preferiu se distanciar, e reforçar sua vontade de se tornar somente um expectador do futebol de várzea do Murialdo, que segundo ele, já era uma tendência e uma vontade antiga.

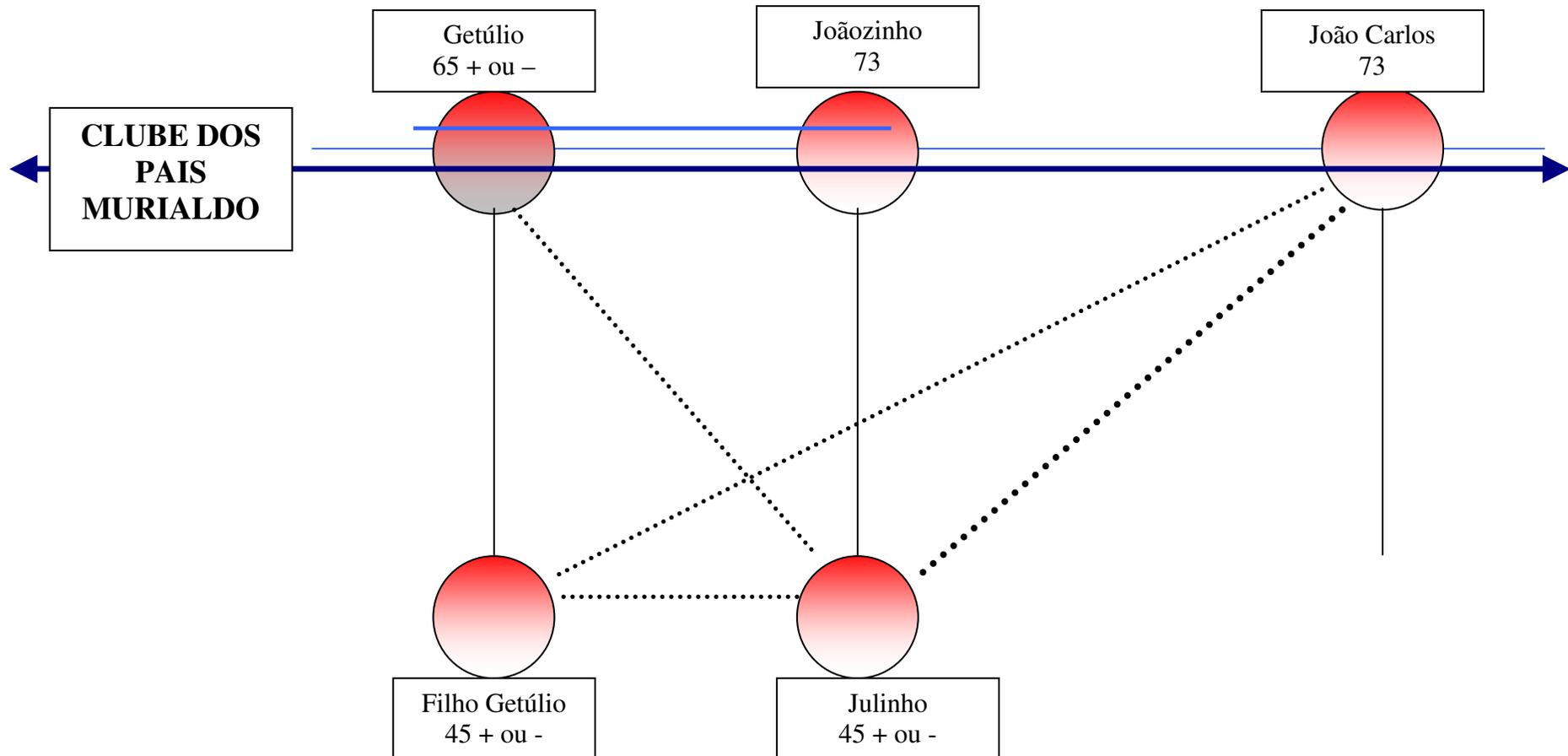
Seu João Carlos, Joãozinho e Getúlio, por serem de uma mesma geração, mantinham alguma relação ligada à história do futebol de várzea no bairro. Segundo Joãozinho e seu João Carlos, o “Clube dos Pais do Murialdo” era um lugar importante para as sociabilidades entre homens do bairro, e deu origem a muitos times do Murialdo.

Getúlio e Joãozinho sempre tiveram uma relação com seus filhos muito ligada ao futebol de várzea. Seu João Carlos, ao contrário, sempre teve como família da várzea os jogadores e amigos para quem dava conselhos e ajudava nas horas mais complicadas.

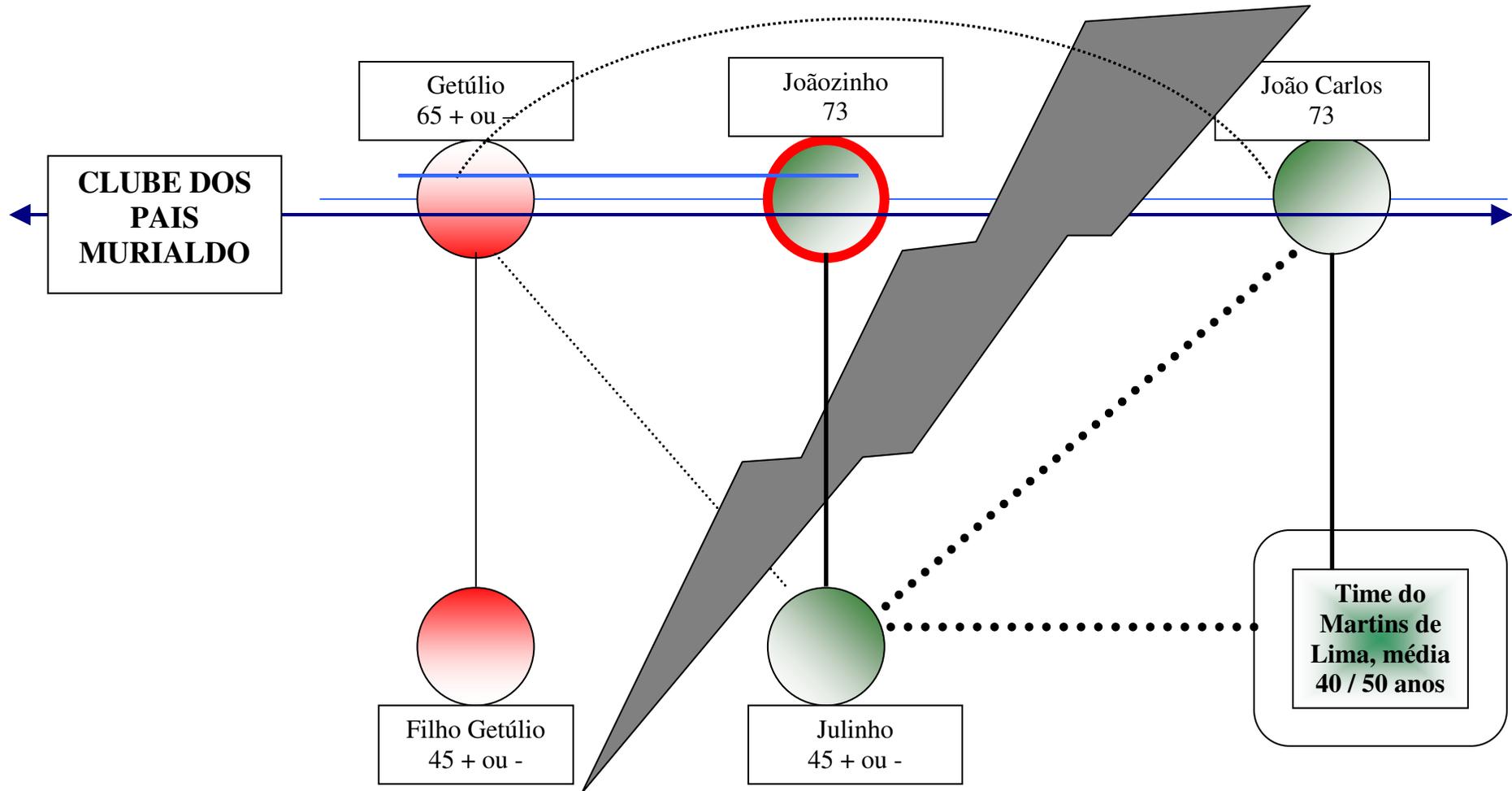
Abaixo, segue um pequeno exercício para montar estas redes de relações, antes e depois da ruptura do Guarany e surgimento do Martins de Lima.

As linhas horizontais, em azul, representam a rede de relações geracionais. Pode-se notar que as intensidades e força destas relações estão representadas pela intensidade da linha. A flecha de duas pontas representa as relações de vizinhança no bairro, onde o Clube dos Pais tem papel fundamental. A linha vertical representa a relação de parentesco entre pai e filho, e a linha tracejada, a rede de relações ligadas à várzea, também diferenciada por intensidade e força.

ANTES DA RUPTURA:



DEPOIS DA RUPTURA:



A linha que liga a geração de Seu João Carlos parece ter ficado mais fraca, assim como as relações entre Getúlio e Julinho também. Seu João Carlos parece ter criado ou reconhecido, perante mim, o que parecia ser mantido em segredo: sua forte relação com o time do Martins de Lima, sendo tida por ele como quase familiar. Julinho nunca me falou da sua relação com o filho de Getúlio, e por isso acredito que não exista algum tipo de relação aparente entre eles.

Desta forma, o conflito aparece como unificador de um grupo, enraizador de sentimentos comuns anteriormente colocados em segundo plano, e fortalecedor também de diferenças e pendengas esquecidas. Como já foi citado, depois da cisão, várias diferenças entre idéias e formas de lidar com o futebol de várzea foram fortalecidas. Cito como exemplo o envolvimento de políticos com o futebol de várzea, que também já apareceu como parte fundamental do descontentamento dos integrantes do Martins de Lima para com Getúlio.

Dentre muitos aspectos, o mais importante é ressaltar que diante de tantos momentos de crise, que parecem levar ao fim da várzea, a motivação destes homens se apresenta como maior a qualquer outra coisa. As formas de sociabilidade, as relações simbólicas e o cotidiano vivido no futebol de várzea parece ser a sustentação desta prática cada vez mais esquecida entre os amantes do futebol. A conclusão que se segue tentará dar linhas gerais sobre o problema levantado neste trabalho, as respostas que pude alcançar e as indagações e desafios propostos a partir destas.

CONCLUSÃO: Para onde vai esta pesquisa com a várzea?

Esta pesquisa teve por objetivo pincelar algumas “formas sociais” (SIMMEL: 1983) para falar de uma prática cotidiana que tem como principal característica a circularidade de símbolos e representações de maneira cíclica, sempre atentando para as narrativas e as formas de sociabilidades de certos indivíduos. Dentro de uma perspectiva colocada pela Antropologia Urbana, foi possível pensar a maneira como alguns destes atores sociais pensam sua vivência na cidade e como a passagem do tempo é fundamental para se entender estes processos.

Colocado não apenas como um auxílio representativo e duplicado do real, as imagens inseridas na leitura do texto e seus diferentes suportes colocam o leitor diante de uma nova maneira de se tentar narrar e interpretar as coisas comuns, ordinárias, que têm relevância enorme nestes processos de conflito, ruptura e re-começo no futebol de várzea. O uso de historietas pode mostrar ao leitor esta circularidade e esta forma cíclica em que tempo e espaço se colocam para com o pesquisador e o fenômeno estudado.

Pensando na idéia de uma prática esportiva, pode-se notar que esta “bricolagem” (DAMO, 2005), típica do jogo de várzea, também está presente, reunindo de forma antagônica elementos do futebol, da rua, do espaço público e privado, do conflito e das formas de sociabilidade.

O espaço público, neste sentido problematizado de acordo com as noções de bairro, cidade e indivíduo, mostra-se parte fundamental e integrante destas formas por vezes lúdicas, por vezes jocosas e por vezes conflitivas das sociabilidades cotidianas por que passam estes jogadores. Estas formas de agregação na rua, no espaço público podem ser interpretadas através de suas efemeridades, mas apontam para algum laço que vai além. Seja geracional, familiar, ou de outra natureza, os laços sociais, e os códigos de significados (Velho, 2004) em que estão inseridos estes sujeitos, são, como o futebol de várzea, passíveis de mudanças, dependendo das circunstâncias e das necessidades de cada momento.

A interação com seu João Carlos e Julinho pode me colocar dentro de uma rede que compartilhava certos códigos, e no momento em que aceitei estes códigos e deixei clara esta situação, fui trazido para dentro do grupo, lidando, mais uma vez, com outros campos de significado, outro *ethos* – no caso aqui o de pesquisador – por estar em um ambiente típico das cidades modernas.

O conflito, apresentado aos poucos no trabalho, quando analisado de maneira mais pormenorizada, pode trazer luz a algumas respostas colocadas no começo do trabalho, e levantar outras indagações para serem respondidas adiante.

Primeiramente é preciso notar que no conflito ocorrido entre alguns integrantes do Guarany, que deu origem ao Martins de Lima, foram postos em jogo alguns laços e sentimentos de pertencimento que antes estavam sendo agenciados em segundo plano. É a partir da briga que Julinho, seu João Carlos e outros integrantes do novo Martins de Lima, trazem à tona um sentimento de pertença mais forte ao bairro, aos laços de amizade e à aversão relacionada à participação política no futebol de várzea.

Este jogo de laços só pode ser entendido pela narrativa, que em seus múltiplos movimentos, agencia diferentes momentos e lugares da trajetória pessoal e coletiva destes indivíduos, sempre colocando algum sentido atual aos acontecimentos anteriores.

Como ponto a ser melhor debatido futuramente está a ligação destas trajetórias individuais e deste espaço de convivência, como a sede do clube com a duração desta prática e as maneiras de se falar desta memória. É preciso pensar que pistas são estas, que imagens e jogos são estes deixados de lado em alguns momentos e trazidos à tona em outros que podem falar desta forma cíclica e sempre renovadora de se viver a várzea e a cidade de Porto Alegre.

Acima de tudo, e tão importante quanto, ainda é preciso pensar de que forma a Antropologia e suas novas tecnologias podem contribuir para um melhor entendimento destes complexos jogos e meandros que a vida nas sociedades complexas instaura no cotidiano de certos grupos sociais, de indivíduos que circulam nesta cidade e dão diferentes significados para ela.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe & PERROT, Michelle. História da vida privada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989-1995. 5v.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998. v1.
- COIMBRA, David; NORONHA, Nico. A História dos Gre-nais. Porto Alegre: Artes e Ofícios editora, 1994.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- DAMO, Arlei Sander. Para o que der e vier: O pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PPGAS / UFRGS, 1998.
- _____. Do Dom à Profissão: Uma Etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2005.
- _____. In: STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F. J.; SILVEIRA, R. O Esporte na cidade; Estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2007.
- DEVOS, Rafael. “Filmes de memória” como hipertextos. In: Reunião Antropológica do Mercosul, 7, 2007, Porto Alegre: [s.n.], 2007.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. "Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade". In: Revista Margem. PUC, SP, 1999 p. 243 a 259.

_____. A memória como espaço fantástico, in *Iluminuras* Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2000. Ano 1, nº. 2.

_____. "Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana". In: RUA, Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp – NUDECRI – Campinas, março 2003, número 9. p. 101 a 127.

_____. Tempo e Cidade. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005.

FOOTE-WHITE, *Willian*. Sociedade de Esquina. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, LTC, 1989.

GUEDES, Simoni Lahud. Jogo de corpo: Um estudo de construção social de trabalhadores. Niterói: Ed. Da UFF, 1997.

_____. O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: Ed. da UFF, 1998.

GUTERRES, Liliane. La Gente de Ansina; Performance, tradição e modernidade no carnaval da "Comparsa de Negros Y Lubolos Sinfonía de Ansina" em Montevideo / Uruguai. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PPGAS / UFRGS, 2003.

HUINZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo, Sp: Perspectiva, Ed. Da USP, 1971.

LE GOFF, Jacques História e memória. Lisboa: Edições 70, 2000.

MACEDO, Francisco Rio-pardense. Porto Alegre: Aspectos Culturais. Porto Alegre: SMEC, Div. De Cult., 1982.

MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. No fundo das aparências. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MAYOL, Pierre, O Bairro. In: CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1996. v 2.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP, 2000.

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa, Tomo I. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Cidade como lugar do próprio e do absoluto: os dilemas de uma política de valorização de bens culturais in Seminário Preservação e valorização de bens culturais intangíveis. Prefeitura de Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1996.

SENNET, Richard. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1988.

SIMMEL, Georg. Simmel: Sociologia. Org: Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.

VELHO, Gilberto. Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

Pesquisa em revistas e acervos:

Acervo do Banco de Imagens e Efeitos Visuais

Coleção Revista do Globo, do Banco de Imagens e Efeitos Visuais